



Andriele Hoffmann da Cruz

JORNALISMO HUMANIZADO E LIVRO-REPORTAGEM: UM ESTUDO DA
NARRATIVA DE “TODO DIA A MESMA NOITE”, DE DANIELA ARBEX

SANTA MARIA – RS

JULHO 2021

Andriele Hoffmann da Cruz

**JORNALISMO HUMANIZADO E LIVRO-REPORTAGEM: UM ESTUDO DA
NARRATIVA DE “TODO DIA A MESMA NOITE”, DE DANIELA ARBEX**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Jornalismo, Área de Ciências Sociais, da Universidade Franciscana, como requisito parcial para obtenção do grau de Jornalista – Bacharel em Comunicação Social Jornalismo.

Orientadora: Prof. Gláise Bohrer Palma

Santa Maria, RS

Julho 2021

Andriele Hoffmann da Cruz

**JORNALISMO HUMANIZADO E LIVRO-REPORTAGEM: UM ESTUDO DA
NARRATIVA DE “TODO DIA A MESMA NOITE”, DE DANIELA ARBEX**

Trabalho Final de Graduação (TFG) apresentado ao Curso de Jornalismo, Área de Ciências Sociais, da Universidade Franciscana, como requisito parcial para obtenção do grau de Jornalista - Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Professora Gláise Bohrer Palma - Orientadora (UFN)

Professora Sione Gomes - Avaliadora (UFN)

Professora Sibila Rocha - Avaliadora (UFN)

Aprovada em ____ de julho de 2021.

Dedico este trabalho aos jornalistas que escrevem com o coração, que veem o que ninguém vê, que dão voz à quem não tinha e que viabilizam que grandes histórias humanas sejam contadas.

AGRADECIMENTOS

Eu esperava tanto pelo momento de escrever esse texto, que agora não tenho palavras para descrever o misto de sentimentos e emoções que estou sentindo. Ao escrever esse texto, é inevitável não lembrar de minha trajetória como acadêmica, minhas conquistas na instituição, meu progresso enquanto estudante e minha evolução pessoal. Os seis anos de curso me proporcionou conhecer pessoas que contribuíram para eu chegar onde cheguei. Neste período, conquistei amigos que levarei para a vida e recebi ensinamentos de meus mestres que ficarão gravados para sempre em minha memória. Só sei dizer: Gratidão!

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus pela oportunidade de viver todas as experiências acadêmicas que a universidade me proporcionou. Agradecer pelo conhecimento, pela saúde, pela trajetória e pelas pessoas que me ajudaram a trilhar esse caminho. Quero agradecer os meus pais Manoel Paulino da Cruz e Andréa Hoffmann por tudo. Por incentivarem meus sonhos, por nunca terem me deixado desistir, por estarem do meu lado em qualquer situação, por me fornecerem suporte em tudo que eu preciso e, principalmente, pelo amor incondicional. Eu amo vocês!

Também gostaria de agradecer aos meus mestres que eu tive a honra de conviver e que não mediram esforços para que eu me tornasse uma profissional cada vez melhor: Fabiana, Carla Simone, Carlos Alberto, Glaíse, Maurício, Iuri, Laura, Neli e Sione. Em especial, quero agradecer a minha orientadora Glaíse Palma. Obrigada por sempre acreditar em mim e não me deixar duvidar da minha capacidade de alcançar meus objetivos. Desde o dia em que você me disse “acho que minha missão nem é te orientar, é fazer tu acredites em ti mesma”, eu passei a confiar mais no meu potencial. Obrigada por todos os ensinamentos, pela paciência e compreensão com meus momentos difíceis. Eu costumo dizer, a Glaíse é uma professora “mãezona”, então penso que nem preciso descrevê-la, né? Só gratidão!

Obrigada ao meu namorado Djean Ebling, por todo incentivo e compreensão nos meus momentos de ausência. Obrigada por acreditar em mim, mesmo quando nem eu mesma acreditava. Pelo companheirismo e amor. Obrigada também as minhas amigas “irmãs” Franciele Spode e Giovana Ziegler, que sempre estiveram por perto me apoiando na boa e na ruim. Obrigada por ficarem por perto e me incentivarem a ser melhor. Obrigada aos colegas de faculdade por todos os momentos que estivemos juntos e pela amizade que vou levar para fora da instituição: Daniel, Maurício, Valéria, Luana, Allyson, Ana Luiza, Lika e Bernardo. Obrigada as minhas mães do coração, Marlize e Rose, por toda a ajuda e carinho de sempre. Por fim, agradeço a todos os familiares e amigos que não pude citar aqui, mas que sabem que

moram no meu coração. Obrigada a todas as pessoas que passaram pelo meu caminho neste ciclo que se encerra. Gratidão!

“Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado”

Edvaldo Pereira Lima

RESUMO

A pesquisa analisa a estrutura da narrativa humanizada presente no livro-reportagem *Todo dia a mesma noite*, de Daniela Arbex. A problemática levantada é de como a narrativa presente no livro-reportagem é construída demarcando a humanização do relato. Os objetivos específicos desta pesquisa englobam analisar as características do livro-reportagem, mapear os aspectos do texto que tornam a narrativa humanizada e refletir sobre o papel social do jornalista que escreve textos humanizados em livros reportagem. Como metodologia de pesquisa, foi realizada a análise de conteúdo, em que quatro capítulos do livro foram selecionados. Para esta análise, foram identificados no texto aspectos que humanizam o relato: criação de cenários, descrição de sentimentos humanos, valorização de personagens, resgate da memória e escolha das fontes. Para o embasamento teórico foram utilizados autores como Traquina (2005), Ijuim (2012), Lima (2009), Motta (2005) e Pena (2006). Concluiu-se que a obra expressa o jornalismo humanizado e literário que dá voz aos sujeitos calados pela mídia tradicional, valoriza personagens e resgata a memória coletiva de Santa Maria.

Palavras-chave: Todo dia a mesma noite; livro-reportagem; narrativa; jornalismo humanizado; Daniela Arbex; jornalismo literário;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 ROTINAS PRODUTIVAS:	13
2.2 NARRATIVA:	14
2.3 NARRATIVA HUMANIZADA:	17
2.4 JORNALISMO LITERÁRIO:	21
2.5 LIVRO-REPORTAGEM:	24
2.6 ESTADO DA ARTE	25
3.1 OBJETO DE PESQUISA	29
3.1.1 Daniela Arbex	29
3.1.2 A obra Todo dia a mesma noite	29
4. PERCURSO METODOLÓGICO:	33
4.1 CATEGORIZAÇÕES:	33
4.2 PRÉ-ANÁLISE:	34
5. ANÁLISE	35
5.1 “É GUERRA”:	35
5.1.1 Criação de cenários:	35
5.1.2 Descrição de sentimentos humanos:	36
5.1.3 Valorização de personagens:	38
5.1.4 Resgate da memória:	39
5.1.5 Escolha das fontes:	40
5.2 “DESAPARECIDAS”:	41
5.2.1 Criação de cenários:	42
5.2.2 Descrição de sentimentos humanos:	42
5.2.3 Valorização de personagens:	43
5.2.4 Resgate da memória:	45
5.2.5 Escolha das fontes:	46
5.3. “QUANDO A POLÍTICA VEM NA FRENTE DA DOR”	47
5.3.1 Criação de cenários:	47
5.3.2 Descrição de sentimentos humanos:	49
5.3.3 Valorização de personagens:	49
5.3.4 Resgate da memória:	51
5.3.5 Escolha das fontes:	52
5.4 “COM CHORO E SEM VELA”	54

5.4.1 Criação de cenários:	54
5.4.2 Descrição de sentimentos humanos:	56
5.4.3 Valorização de personagens:	58
5.4.4 Resgate da memória:	60
5.4.5 Escolha das fontes:	61
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

1. INTRODUÇÃO

A rotina de produção dentro das redações para os jornalistas é um conjunto de ações - desde a pauta até o fechamento do texto - que busca levar ao público informações verídicas e de valor social. O jornalista busca por fontes seguras e a voz de especialistas para confirmar as informações apuradas. Além disso, no jornalismo diário, o profissional se utiliza de um conjunto de técnicas do fazer jornalístico que não permite a produção de textos com abordagem profunda. Ou seja, o trabalho acelerado e a busca pelo instantâneo, exigido pelas redações, não permite ao jornalista produzir longas reportagens. No jornalismo diário, é preciso seguir a dinâmica de trabalho que exige do profissional respeito ao deadline e ao lead. As matérias precisam ser produzidas para serem lançadas ao público de forma instantânea. Se o profissional não vai às ruas no momento da apuração e acaba trabalhando apenas frente às telas, torna-se impossível explorar cenários, conversar com pessoas e relatar fatos cotidianos com os olhos de quem esteve lá.

Em oposição a este modelo está o jornalismo literário e humanizado que, ao invés de buscar especialistas no assunto, dá voz a pessoas comuns, transformando-as em personagens da história. As pessoas deixam de ser apenas um número nas estatísticas e ganham identidade, voz e visibilidade. No jornalismo literário, um simples fato pode se transformar em uma grande história. Isso acontece porque o jornalista se aprofunda nos relatos, enxerga o que passou despercebido e observa cenários com o objetivo de levar os leitores a uma cena que nem mesmo o jornalista presenciou.

Diversos fatores fazem com que a mídia tradicional e diária não libere espaço para este tipo de produção. Interesses voltados para o econômico e político são priorizados, e o resultado disso são pessoas silenciadas e histórias não contadas por serem consideradas irrelevantes e pouco lucrativas. O incêndio da Boate Kiss ganhou lugar na mídia e, inclusive, repercutiu pelo mundo. Desde o dia do fato até a atualidade se vê na mídia o caso da Kiss e seus desdobres. A tragédia, que tirou a vida de 242 jovens e deixou mais de 600 feridos, gerou comoção em nível mundial. Neste caso, o tema foi considerado relevante. No entanto, Daniela Arbex no livro *Todo o dia a mesma noite* narrou de forma humanizada, sensível e inédita os acontecimentos da madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, após ouvir cuidadosamente os principais personagens da história: pais, sobreviventes, profissionais da saúde e socorristas. Coletando os depoimentos daqueles que vivenciaram de perto a tragédia e a destruição que ela causou, a jornalista relatou os fatos em ordem cronológica: os momentos anteriores à tragédia e quem eram aquelas

pessoas envolvidas, o incêndio em si, os momentos pós-incêndio e como ficou a vida das pessoas envolvidas após a tragédia.

A humanização da narrativa se deu através da riqueza na descrição do local e dos personagens, bem como na transcrição dos sentimentos e emoções colhidos nos depoimentos para o texto. Através da descrição, a autora permite aos leitores uma viagem de volta ao dia 27 de janeiro de 2013, em que revisita aspectos da história que ainda não haviam sido mencionados pela mídia tradicional.

Ganhou destaque no relato o sentimento dos pais ao serem surpresos pela morte do filho, o processo de recuperação da saúde mental de familiares enlutados, a luta por justiça e também a negligência de poderes. A jornalista conseguiu - por meio do relato - mostrar a dimensão do caos que a tragédia causou usando raras vezes as estatísticas. O foco da narrativa foram os seres humanos e suas histórias de vida, sendo transformados em personagens de uma história real. Além disso, a narrativa deste livro-reportagem evidencia o posicionamento respeitoso da autora diante das 242 vidas perdidas por irresponsabilidade e negligência. Os livros escritos por jornalistas têm justamente essa função social: dar nome, sobrenome e tornar visível a pessoa que existe por trás das estatísticas. A obra *Todo dia a mesma noite* é uma luta por justiça e pela memória dos que morreram.

O livro-reportagem é uma ferramenta que permite ao repórter contar todos os detalhes e desdobramentos de um fato, oportunizando humanizar o relato e, por consequência, fornecer ao leitor a experiência de se aproximar de realidades distintas. Não há limite de linhas e nem de páginas, mas para caracterizar jornalismo humanizado, é preciso narrar uma história real com descrição e empatia, pois os assuntos que são abordados por esse tipo de narrativa envolvem – em sua maioria – traumas, tragédias, conflitos e afins. Significa relatar com respeito o sofrimento alheio e construir uma narrativa que deve envolver uma contextualização profunda, oriunda da observação e percepção cuidadosa do jornalista que escreve. É importante compreender como o profissional consegue através da narrativa colocar os leitores em uma posição de testemunha, considerando que nem mesmo o jornalista esteve presente - neste caso, no dia do incêndio. Se aprofundar nas histórias vividas em particular e não economizar na descrição é o caminho.

O estudo se justifica pela importância em entender como o fazer jornalístico humanizado acrescenta ao campo da comunicação e qual a sua relevância enquanto papel social. Há também a necessidade de compreender e evidenciar o papel do jornalista como figura que ouve e dá voz aos sujeitos, já que este se perdeu diante da pressão do deadline e pelas demandas dos veículos jornalísticos.

Como problema de pesquisa, faz-se o seguinte questionamento: Como a narrativa presente no livro-reportagem *Todo dia a mesma noite* é construída demarcando a humanização do relato? Como objetivo geral deste estudo, tem-se então analisar a construção da narrativa humanizada na obra *Todo dia a mesma noite*, de Daniela Arbex. Os objetivos específicos englobam: analisar as características do livro-reportagem, mapear os aspectos do texto que tornam a narrativa humanizada e refletir sobre o papel social do jornalista que escreve textos humanizados em livros-reportagem.

A análise propiciará compreender em quais circunstâncias a humanização do relato aparece na narrativa do livro-reportagem de Daniela Arbex. A afinidade com grandes reportagens sensíveis, humanas e com traços de literatura, foi o que despertou a escolha do tema. Além da admiração pelos trabalhos jornalísticos da autora, o livro-reportagem da Boate Kiss se tornou objeto de estudo por ser uma grande reportagem de fôlego, pela sensibilidade com que foi escrito e por envolver uma tragédia local.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ROTINAS PRODUTIVAS:

Um dos pilares que sustentam o trabalho jornalístico nas redações diárias é o imediatismo. As rotinas produtivas nas redações são marcadas pela constante aceleração, em que o profissional precisa trabalhar em consonância com os acontecimentos diários e levar ao público ligeiramente a notícia que dá vida aos fatos. Para Cantanhede e Zanforlin (2020, p. 1) essa aceleração na produção das notícias “cumprem uma rigorosa rotina industrial determinada pelos veículos de comunicação por causa da quantidade excessiva de fatos presentes no cotidiano”. A agilidade na produção e na entrega das notícias é indispensável, principalmente depois do surgimento da internet, em que se percebe uma abundância de informações circulando a todo instante. O avanço das tecnologias modificou a prática jornalística, a forma como as pessoas consomem os conteúdos e o relacionamento entre ambos. “O mercado profissional do século XXI, no entanto, exige do jornalista um novo perfil e novas habilidades. O ritmo de trabalho mais intenso, por um lado, e um público cada vez mais interativo, por outro, são duas faces de uma nova forma de se fazer notícia” (JÚNIOR e ANTONIOLI, 2016, p. 44)

Este ritmo intenso é mencionado por Traquina (2005) como uma forma de valorização da informação. As notícias possuem vida útil, que se perde caso ocorra uma entrega tardia. Além disso, notícia velha ou desatualizada é sinônimo de perda de audiência, de leitor e até mesmo de queda nos lucros do veículo.

As notícias são vistas como algo “altamente perecível”, valorizando assim a velocidade. O imediatismo age como medida de combate à deterioração do valor da informação. Os membros da comunidade jornalística querem as notícias tão “quentes” quanto possível, de preferência “em primeira mão”. (TRAQUINA, 2005, p. 37)

As empresas jornalísticas funcionam dentro de uma temporalidade, em que a urgência e o planejamento são valores essenciais. Planejamento é necessário, porque a corrida contra o relógio não corresponde apenas a atender as demandas do dia, mas também organizar a cobertura de acontecimentos datados e prever possíveis acúmulos e desordem causados pelo inesperado. (TRAQUINA, 2005) Trabalhar de forma organizada e cronometrada corresponde a uma habilidade profissional. De acordo com Traquina (2005), o jornalista que consegue usar o tempo a seu favor mostra-se um profissional com aptidão para não se tornar refém do relógio. A produção acelerada das notícias é resultado da organização que envolve o trabalho dos jornalistas nas redações. Ser organizado também corresponde a um conjunto de ações da prática jornalística que promovem a ordem dos fatos a serem noticiados: escolha de fatos que podem

se tornar notícia, definir uma abordagem para o assunto, estabelecer espaço e organizar o tempo. (CANTANHEDE e ZANFORLIN, 2020)

Na ânsia de contar novas histórias neste ciclo acelerado das redações, é que o imediatismo “afasta o jornalista de certos desenvolvimentos e direcionamentos” (TRAQUINA, 2005, p. 48) Por isso, ao contrário do imediatismo, existem outras formas de fazer jornalismo em que os profissionais não se preocupam com o tempo de produção e sim em trazer à tona o não dito, explorar o que não foi explorado e buscar novas formas de contar uma mesma história. Foi este caminho que a jornalista Daniela Arbex percorreu na produção do livro-reportagem *Todo dia a mesma noite*.

Outro aspecto que difere os feitos do jornalismo humanizado e literário das produções do jornalismo diário é a forma como a história é contada. Traquina (2005) explica que as *hard news* são construídas nas redações com base na famosa pirâmide invertida, com frases curtas e uma linguagem acessível. O propósito deste método é noticiar com clareza para qualquer público. “Os jornalistas precisam comunicar através das fronteiras de classe, étnicas, políticas e sociais existentes numa sociedade” (TRAQUINA, p.46) Segundo o autor, entre as produções jornalísticas, existem as reportagens, que possuem características específicas do gênero: realismo gráfico, criação de cenários e utilização de metáforas. A criação de ambientes é mencionada pelo autor como a capacidade do jornalista em descrever detalhadamente o cenário a fim de colocar o leitor em uma posição de testemunha do acontecido. Já as metáforas são utilizadas para dramatizar o texto. (TRAQUINA, 2005) São recursos característicos das reportagens, principalmente em livros-reportagem como os de Daniela Arbex.

2.2 NARRATIVA:

Por meio da narrativa é possível conectar acontecimentos - reais ou fictícios - de maneira organizada. É através da narrativa que pode-se relacionar fatos formando uma sequência que possibilita que se alcance a compreensão de contextos e realidades. De acordo com Motta (2005), a mídia usa diversos formatos de narrativa na busca por causar efeitos de sentido nos receptores/consumidores. Mesmo que de forma inconsciente e/ou involuntária, os produtores de conteúdo utilizam recursos que buscam despertar interpretações nos destinatários. “Quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força ilocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário” (MOTTA, 2005, p.3) Produzir sentido e tornar o fato compreensível pelos receptores é também o objetivo da narrativa jornalística. Para isso, os profissionais da

comunicação, ao construírem narrativas, “operam um conjunto de códigos de estruturação textual que, aliados àquilo que eles conhecem do mundo, dão sentido (s) aos acontecimentos.” (ARAÚJO, 2011, p.2) A forma como se narra pode respeitar a linearidade - quando os fatos aparecem em ordem cronológica - mas não necessariamente precisa ser assim. Inclusive, o narrador pode não só contar, como participar do enredo com voz ativa. As narrativas podem estabelecer sequências contínuas ou descontínuas, mas que, ao considerar ações de tempos distintos, acabam formando uma sequenciação. (MOTTA, 2005)

O conceito de narrativa permeia uma gama de interpretações e, conforme Motta, “a narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores e mitos, etc) em relatos.” (MOTTA, 2005, p.2) O autor afirma ainda que através da estrutura narrativa, é viável contar histórias e descrever situações compostas por uma série de transformações. Sodré e Ferrari (1986, p. 11) acreditam que narrativa “é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado”.

Quando pensamos em narrativa, a palavra logo já é associada à literatura. Esta associação pode ser explicada pelo fato de que, por muitos anos, conforme Araújo (2011), estudiosos e pesquisadores dedicavam seus estudos aos formatos literários de narração, sendo o romance o principal alvo. “O romance, notável gênero da modernidade, foi encarado como exemplo emblemático, daquilo que se entendia por narrativa ou linguagem narrativa plena” (ARAÚJO, 2011, p.4). Porém, na metade do século XX, Roland Barthes e outros pesquisadores modificaram o conceito de narrativa e com isso o termo

[] ... deixa de estar associada apenas à linguagem verbal escrita, para ser encarada como um fenômeno universal, amplamente vasto, susceptível de apresentar-se sob diferentes suportes e em tempos diversos. Nesse sentido, o conceito foi de tal maneira alargado, que tem se tornado, cada vez mais, objeto de estudo de inúmeras áreas, dentro e fora das ciências sociais e humanas. (ARAÚJO, 2011, p.4)

Esta ampliação de conceito considera também narrativa produtos como notícias, reportagens e diversas produções jornalísticas. A notícia é mais sucinta e objetiva, mas por responder às seis perguntas do lide, já é considerada narrativa. Se todos os aspectos do fato forem amplamente trabalhados, a notícia se transforma em reportagem (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.11) Araújo (2011) explica que a notícia é uma produção que não segue uma lógica cronológica - respeita a pirâmide invertida -, mas que assume a responsabilidade de dar sentido textual a um acontecimento. Motta (2005) salienta que algumas notícias e reportagens são consideradas narrativas integrais: com início, meio e fim. No entanto, existem outros modelos de narrativas jornalísticas que passam despercebidos por encontrarem-se em textos

fragmentados, mas que alcançam resultados interpretativos, assim como uma reportagem ampla e completa. As notícias curtas do dia-a-dia também são narrativas, pois mesmo de forma inconsciente o leitor acaba realizando associações e interpretações formando uma gama de compreensões a respeito do mundo (MOTTA, 2005).

Reunindo diversas notícias que envolvem a mesma temática é possível perceber uma narrativa, porque a narratividade não está só na estrutura textual, mas em como o acontecimento narrado é compreendido pelos receptores. Por isso, pode-se afirmar que as narrativas jornalísticas também podem surgir a partir da leitura e compreensão do receptor.

É o leitor que conclui narrativamente as fragmentadas notícias do dia a dia preenchendo as lacunas, tecendo os fios dos acontecimentos jornalísticos em histórias mais ou menos integrais e realizando continuamente, através de provisórias narrativas jornalísticas, a experimentação de valores éticos e morais (MOTTA, 2005, p.1)

Para se entender sobre narrativa, é importante compreender também o conceito de narração. Afinal, o que é narração? Motta explica que a narração é um processo de representação utilizado para relatar eventos organizados cronologicamente que despertam a imaginação do receptor (MOTTA, 2004, p.3) O autor salienta que - apesar de semelhantes -, existem diferenças entre narração e descrição. A descrição é muito utilizada como forma de representação de um instante único, em que se busca por meio da “naturalização” do discurso e do exagero de informações, uma aproximação do receptor com a realidade descrita. Por causar um efeito real - e não só de imaginação - é que se usa da descrição na maioria das produções jornalísticas. Ambas representações são assimétricas e imperfeitas, tanto que, acabam se misturando na construção de uma narrativa. “No jornalismo (como em outros gêneros) é praticamente impossível encontrar textos puramente descritivos tanto quanto aqueles exclusivamente narrativos” (ibidem, p.3)

Ainda sobre representações narrativas, Motta (2004) afirma, com base na teoria literária, que existe uma oposição chamada *showing x telling*. A terminologia inglesa *showing* diz respeito a uma “técnica de representação dramática que mostra uma sucessão de cenas e revelam situações particulares, deixando para o espectador configurar o enredo” (ibidem, p.4) Esta técnica é bastante utilizada no cinema e no teatro, porque mais mostra do que narra. Os personagens acabam por si só formando a narrativa, por exemplo, e o receptor se encarrega de interpretar e compreender. Já o termo *telling* trata-se de uma técnica em que o narrador é o que conta a história e, a partir do contar, é que ele acaba se aproximando dos fatos narrados. Esta aproximação também ocorre por meio de opiniões e posicionamentos, ou também pelo narrador se tornar o centro da narrativa.

Apesar da técnica narrativa *showing* se enquadrar perfeitamente em produções fictícias, no jornalismo também é a mais utilizada. Isso porque, em produções jornalísticas, o profissional da comunicação - neste caso narrador - precisa se manter distante dos fatos narrados. Ou seja, a missão do jornalista que busca a objetividade e a imparcialidade exigida pela profissão é salientar os personagens e suas falas, deixando as opiniões, julgamentos e conclusões apenas para o público que recebe o conteúdo. É contar histórias aproximando ao máximo o receptor da realidade narrada. O jornalista busca “desvanecer a sua presença e transforma-se num mediador discreto” (ibidem, p.4). Araújo (2011) afirma que a técnica *showing* é bastante vista em reportagens, pois além da abordagem abrangente e profunda, o jornalista narrador manifesta no texto suas impressões, bem como enfatiza personagens e suas falas. Mesmo sendo impossível ser completamente imparcial e objetivo - porque todo jornalista carrega em suas produções suas convicções -, é necessário que o profissional apenas relate o fato, sem opinar.

O mito da objetividade faz com que o trabalho jornalístico dê proeminência aos factos e caminhe, continuamente, para um apagamento da figura do profissional. O jornalista é, muitas vezes, visto como um mero mediador, que conta, sem, necessariamente, narrar. (ARAÚJO, 2011, p.11)

Os autores Sodré e Ferrari (1986) explicam que a reportagem, pela forma como é produzida - dramatizando, enfatizando personagens e descrevendo ambientes -, é o gênero jornalístico em que a construção da narrativa tende a aparecer com mais vigor. “Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não cotidiana, ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística.” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.9) No entanto, devido ao fato de que, por muito tempo, só eram consideradas narrativas as produções literárias, quando pensamos em narrativa jornalística, a palavra já é associada às longas reportagens sensíveis que utilizam recursos da literatura e são quase uma poesia: as reportagens humanizadas.

2.3 NARRATIVA HUMANIZADA:

Falar em humanização no jornalismo parece até pleonasmos, afinal, comunicar é um ato social, uma ação humana realizada para informar os próprios seres humanos. Então, como poderia ser desumano? Ijuim (2012) explica que existem formas de desumanizar o relato jornalístico e que a construção deste vai ao encontro da priorização de interesses (do próprio veículo, do repórter, de políticos ou de pessoas que patrocinam o conteúdo) apuração mal feita, reforço de estereótipos, equívocos, convicções pessoais enraizadas, crenças, preconceitos,

intolerância e falhas em geral. As reportagens assim caracterizadas “denotam problemas éticos e, por isso mesmo, desumanizam, porque esclarecem menos e alargam as distâncias, mais provocam dor do que se solidarizam com as dores do mundo.” (IJUIM, 2012, p. 19)

Então, humanizar significa acima de tudo ser ético e solidário. É manifestar o lado mais humano e observador ao relatar, principalmente quando se tratam de acontecimentos trágicos ou problemas sociais. A observação criteriosa do repórter é indispensável durante a apuração, pois nem todas as percepções precisam aparecer nitidamente no texto, mas colaboram para que o desenvolvimento da narrativa seja efetivado com êxito atingindo a compreensão do público referente aos fatos narrados. Um repórter desatento pode cometer erros e equívocos e, além de tudo, corre o risco de “se concentrar no particular e, descuidadamente, não considerar o todo. Pior, pode cometer a falácia da generalização apressada – levar ao todo o que é característica daquela parte.” (IJUIM, 2012, p. 13). Braguini e Lüersen (2014) explicam que humanizar consiste em:

Tornar mais humano, e para fazer isso em uma reportagem, o caminho é além de valorizar os personagens, é entendê-los como pessoas e não apenas fontes. É contar um acontecimento através do fragmento de histórias daqueles que estiveram lá, ou que são importantes para a interpretação do fato. Isso sem economizar nos detalhes, passando ao leitor não apenas o relato do entrevistado e as informações que ele possui, mas sobretudo quem ele é, onde ele está, por que ele está ou esteve lá. (BRAGUINI, LÜERSEN, 2014, p.10)

Uma boa narrativa humanizada considera o ser humano prioridade, bem como seu relato e suas ações. Os profissionais que constroem narrativas voltadas para o real, mais do que elevar o ser humano à protagonista, possuem a difícil tarefa de estabelecer um equilíbrio ao descrevê-lo. Este equilíbrio, explicado por Lima (2009), é quando o personagem ganha destaque no relato sem ser colocado em posições extremas: de vítima ou de “herói”. Durante a apuração deve existir uma ampla observação, em que o repórter visualiza o ser humano tal qual ele é, sem olhar para sua profissão ou como ele se apresenta para a sociedade, descrevendo apenas suas verdadeiras impressões. Trata-se de uma transcrição do real, por meio de uma visão humana e sensível.

É importante também para o enriquecimento do relato detectar as fraquezas e frustrações do entrevistado, adentrando na intimidade do ser humano. “Lançar um olhar de identificação e projeção humana da nossa própria condição nos nossos semelhantes, sejam eles celebridades ou pessoas do cotidiano” (LIMA, 2009, p.359). Pode-se relatar a história de uma celebridade sem mencionar sua trajetória profissional, mas sim seus sentimentos, suas aflições, medos e alegrias através da descrição. Significa enfatizar a profundidade do ser. Um relato

humanizado, em determinadas circunstâncias, causa sensibilidade e provoca nos leitores uma projeção de si mesmo.

A investigação deve buscar compreender os sentimentos das fontes e descobrir para além dos sinais evidentes, usufruindo de um faro aguçado para pautas sociais que podem resultar no bem comum. Um bom jornalismo humanizado resulta em trazer à tona o não dito, ligar todos os lados da história e gerar esclarecimentos. “É a organização do que está disperso, com as ligações do que está desconexo, rica em contexto que possa esclarecer. [...] Sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador.”(IJUIM, 2012, p.18) Humanizar também consiste em dar voz e visibilidade aos personagens que até então estavam calados pela mídia diária.

Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional [...] Contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem. (MEDINA, 1999, p.28).

A narrativa humanizada que tem como guia o personagem, - por mais que o fato em si pareça irrelevante jornalisticamente e sem possibilidade de um tratamento literário -, acaba ganhando força mesmo que ela seja longa. É o aspecto humano que permite que qualquer fato do cotidiano se torne uma narrativa humanizada e, para que esta tarefa seja desenvolvida com êxito, é necessária a correta escolha das fontes.

A reportagem é, portanto, um gênero que precisa ser bem preparado, que necessita de um grande preparo, físico e emocional, porque geralmente toma tempo na seleção das melhores fontes, leitura de documentos, conversa com os diferentes protagonistas e personagens envolvidos na história, exigindo que seja captado o ambiente onde ocorrem ou ocorreram os acontecimentos. (MICHEL e MICHEL, 2018, p.5)

Esta categoria de produção pode estar abrigada em livros-reportagem e Lima (2009) explica que os livros-reportagem, além de serem ótimos disseminadores de conhecimento e carregados de informações que podem ser facilmente resgatadas com o passar do tempo, é um modo natural e prazeroso de contar histórias regadas de vida. O livro, inclusive, permite que o jornalista explore a história sem restrição de espaço, podendo ampliar temáticas e ouvir quantas pessoas julgar necessário.

O tratamento literário e, por vezes humanizado do texto, permite que o desenvolvimento da narrativa se torne muito mais compreensível. Noticiar sobre quando o homem foi à lua de forma superficial, por exemplo, exige do repórter um vasto conhecimento acerca do tema, além da habilidade de transcrever o fato - que diz respeito ao campo da ciência - para um cidadão comum. Esta notícia, justamente por sua rasa abordagem e por se tratar de um tema complexo, pode não esclarecer o suficiente. Porém, se a ida do homem até a lua fosse

relatada com profundidade, buscando unir dados, apresentar diversas perspectivas, ouvir todos os envolvidos, além da ampla observação e descrição do repórter, seria mais fácil compreender a dimensão do fato. Lima (2009) explica que conteúdos jornalísticos marcados pela superficialidade podem explicar, mas dificilmente vão proporcionar a compreensão nos receptores.

Compreender é diferente de explicar. A explicação adota geralmente uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma única ótica e de pouca abertura. Já a compreensão busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas.[...] Mais do que isso, interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. (LIMA, 2009, p. 366)

O jornalismo humanizado, por meio das reportagens, também preserva a memória de uma comunidade, de um povo, um período. É rememoração das vivências do passado por meio da narrativa jornalística.

A função social do jornalismo é indiscutível, assim como a sua importância para a perpetuação da memória, enquanto documento comprobatório de fatos e situações que ocorreram durante determinados períodos e que marcaram a história da vida de pessoas, de cidades, estados e de uma nação. (SANGALETTI e BISOL, 2018, p. 141)

Relembrar as experiências humanas, com detalhes novos e entrevistas inéditas também é um resgate do jornalismo como forma social de conhecimento. As narrativas, - mesmo que ficcionais -, resgatam a memória porque relembram e reconstróem fatos que colaboram para compreensão e reflexão acerca das vivências do passado.

Um dos papéis das manifestações narrativas é o resgate da memória. Um texto ficcional, de não-ficção, imagético, ou a reunião de todos eles é (ou são) capaz(es) de reconstruir os acontecimentos para que não sejam esquecidos e, mais do que isso, quando tratamos de arte ou mídia, compreendemos que essa função vai um pouco além: resguardar memórias significa fazer-saber e, sobretudo, suscitar a reflexão e criticidade diante daquilo que já foi. (SANGALETTI e BISOL, 2018, p. 127)

O ser humano, desde os primórdios, já realizava registros e por isso “tornou-se marcante a necessidade das pessoas de registrarem a vida cotidiana como uma das formas de manutenção da memória.” (MICHEL e MICHEL, 2015, p.1) De acordo com Sangaletti e Bisol (2018), a união do jornalismo com a literatura é uma forma de reinterpretar o que foi vivido no passado, trazendo-o de volta para o presente a fim de construir a memória coletiva. (p. 126) A partir desta união, que se manifesta principalmente em livros-reportagem, que o resgate da memória tende a aparecer com mais vigor. “Esse tipo de romance, que une duas áreas em uma narrativa, é um dos caminhos de resgate e difusão da memória, pois, através de textos e imagens, apresenta diversas temáticas com uma diferença de tempo e espaço com relação aos acontecimentos narrados.” (SANGALETTI e BISOL, 2018, p. 127) É por meio do jornalismo

que são registrados fatos, testemunhos e padrões de comportamento, que podem representar diferentes tempos e momentos da história narrada.

No relato humanizado existe uma preocupação desde a pauta em levar as pessoas à condição de personagem, ignorando as estatísticas e estabelecendo um vínculo repórter/entrevistado na busca por entender o que sentem as pessoas a respeito de determinado fato. A humanização do relato, por vezes, pode caminhar junto com o jornalismo literário, mas vai muito além:

O jornalismo humanizado, portanto, não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da literatura, que valoriza personagens. Mais que isso, busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida. (ALVES e SEBRIAN, 2008, p. 2)

Ijuim (2012) afirma ainda que, para humanizar, o repórter precisa manter uma postura respeitosa diante das fontes e do público, precisa estar livre de preconceitos e julgamentos, além de respeitar a diversidade. Na produção do relato humanizado, muitas vezes a reportagem se entrelaça ao jornalismo literário, como veremos a seguir.

2.4 JORNALISMO LITERÁRIO:

O jornalismo sofre transformações na medida que o público busca e se adapta a novas formas de consumir conteúdo. O surgimento de diferentes plataformas digitais estimula um grande fluxo de informações e notícias que circulam nas redes de maneira acelerada e, tentando acompanhar esse ritmo dos leitores, é que cada vez mais os jornalistas escrevem textos curtos contendo o máximo de informações. Quanto mais breve for o texto jornalístico, mais rápida a aceitação do público, ávido por obter o máximo de informações em um curto espaço de tempo. Nas páginas dos jornais não é diferente, o texto precisa conter todas as informações ocupando o mínimo de espaço possível. Todavia, o texto caracterizado pela superficialidade acaba perdendo seu valor enquanto papel social.

O exagero de boa parte da imprensa em informar superficialmente empobrece o jornalismo, reduz seu valor social, minimiza seu papel de auxiliar na construção de saberes. [...] uma das saídas para o jornalismo contemporâneo, voltar a investir na narração, na velha fórmula da boa história a se contar. As narrativas impregnadas de vida, de imagens, de histórias e, conseqüentemente, de informações implícitas e explícitas deixaram de serem produzidas, talvez pela cobrança pela agilidade, imposta pelo padrão da imprensa. (MONTIPÓ, FARAH, 2009, p.7)

Esta abordagem rasa de assuntos também é resultado das aceleradas rotinas nas redações que precisam respeitar o prazo final de entrega das produções, o famoso *deadline*.

Além disto, existe a sobrecarga de profissionais e a falta de espaço para longas reportagens em jornais diários, pois as publicidades ainda são prioridade na imprensa não independente. Lima explica que, além de demonstrar superficialidade, os jornais diários vivem uma constante “luta contra o relógio, briga com a concorrência, desse modo praticando em muitas ocasiões o exercício da informação pública imprecisa, incompleta.” (LIMA, 2004, p. 32) De encontro a este formato, está o jornalismo literário, que preza pelo aprofundamento de pauta, não segue rigorosamente o lide - que consiste em responder às seis perguntas básicas para se compreender um fato - e quebra o círculo vicioso de buscar sempre as mesmas fontes: autoridades e especialistas. O gênero não consiste só em embelezar o texto ou utilizar de recursos da literatura na construção da narrativa. “Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania” (PENA, 2006, p.13). Pena afirma que existem 7 características para um bom desempenho de uma produção literária no campo jornalístico, denominada por ele a “estrela de sete pontas”.

A primeira ponta explica que escrever no gênero literário não significa abandonar as técnicas do jornalismo diário, pelo contrário, manter o profissionalismo, a ética, a apuração cautelosa e todas as ações que constroem um bom texto jornalístico. A segunda, é sobre a importância de desprender-se da busca pelo factual e instantâneo, além de eliminar a periodicidade, ou seja, não existe prazo e nem espaço restrito. No jornalismo literário a função do jornalista é estender a visão dos acontecimentos, buscando aprofundamentos e evitando deixar lacunas de dúvidas sobre determinado fato ou história, aspecto que diz respeito a terceira ponta da estrela. A quarta ponta é sobre o exercício da cidadania que, apesar de óbvio, acaba por vezes caindo no esquecimento, fazendo com que jornalistas e veículos de comunicação percam a credibilidade. “Quando escolher um tema deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade.” (ibidem, p. 14) Desacatar o padrão de texto jornalístico tradicional e procurar por fontes que geralmente estão longe dos olhares da mídia convencional são as características da quinta e sexta ponta da estrela. Por último, o jornalismo literário não deve ser superficial, uma das características mais importantes do gênero.

O jornalismo literário ganhou vida através da união de jornalismo e literatura em meados do século XIX, quando escritores começaram a compor as redações. O folhetim foi o primeiro gênero literário a ganhar força na imprensa e, apesar de não contar histórias reais ou factuais, os enredos sempre envolviam a vida cotidiana. Cada jornal apresentava um capítulo da história - estratégia mercadológica que estimulava o leitor a comprar a próxima edição. Além

disso, cada novo capítulo recapitulava os anteriores, denominado por Pena como a “estética da redundância”. O autor afirma ainda que os textos que neste período manifestavam “Estereótipos, exageros dramáticos ou repetições não significavam baixa qualidade.” (PENA, 2006, p. 30)

Essa fusão da literatura com jornalismo se popularizou na época pelas classes baixas, - resultado do alto custo para adquirir livros, da linguagem acessível e pelos enredos atrativos, que contemplavam em sua grande maioria adultérios, romances e temas afins. O objetivo era fornecer conteúdo que viesse a contentar o público e, para isso, a redação permitia aos leitores dos folhetins sugerir ou alterar novos desdobres para determinada história. Esta intervenção acontecia por meio de cartas destinadas ao veículo de comunicação - outra estratégia mercadológica que estimulava a venda de jornais. Em 1950, a conexão entre jornalismo e literatura por meio das atraentes narrativas, começou a perder força nos jornais diários, abrindo espaço para produções mais concisas, objetivas e factuais - considerando também que, neste mesmo período, os jornais impressos passaram a sofrer transformações em seu design gráfico. (ibidem, p. 40) Nesta nova fase, o jornalismo literário passou a ser considerado uma prática não-essencial na imprensa diária e, por isso, os textos assim caracterizados passaram a ser publicados em cadernos específicos de literatura como suplemento para o jornal. Esta complementaridade devia respeitar rigorosamente os preceitos básicos da imprensa. “Não só estão submetidos a regras básicas do discurso jornalístico (clareza, concisão e objetividade), como têm na venda seu objetivo primordial.” (ibidem, p.40).

O jornalismo caminhava rumo à objetividade e à imparcialidade. No entanto, em 1973, Tom Wolfe lançou um manifesto que revolucionou a escrita jornalística e libertou repórteres da “imprensa objetiva”: O *New Journalism* - movimento conhecido por retomar o jornalismo literário nos veículos diários. De acordo com Pena (2006), o termo refere-se a prática de um jornalismo literário que busca reconstruir cenas, contextos e personagens através de uma narrativa amplamente descritiva e simbólica, que enfatiza diálogos em seu formato integral e constrói a narrativa através do olhar de diferentes personagens. O movimento provocado por Wolfe atendeu a necessidade que os jornalistas tinham de escrever romances e se tornaram profissionais mais engajados e decididos a enfrentarem longas jornadas de entrevistas com os personagens na busca por combater a superficialidade. Os repórteres deste gênero precisam:

Seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual da redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre das técnicas literárias. É possível abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações. (PENA, 2006, p. 54)

Apesar de Wolfe ser considerado o precursor do jornalismo literário moderno, Pena (2006) afirma que há quase um século antes, o Novo Jornalismo já havia sido mencionado, porém carregado de um conceito oposto do atual. Em 1887, o jornalista do gênero era associado à atitudes irresponsáveis, devido ao fato do jornalista e editor britânico William Thomas Stead - engajado em pautas sociais e matérias participativas, ter comprado uma menina de 13 de anos da mãe para produção de uma reportagem que denunciava prostituição infantil. (ibidem, p.52) Para alguns historiadores, o jornalista e escritor inglês Daniel Defoe é considerado pioneiro do jornalismo literário moderno. Outro nome importante que marcou a convergência entre jornalismo e literatura é Paulo Barreto, sob pseudônimo João do Rio. Em suas produções é possível identificar recursos significativos da literatura, principalmente a riqueza na descrição do local e do desenrolar das ações, que faz com que o leitor se sinta uma testemunha do acontecimento narrado (RIZZATTI, 2009, p. 66) Um modo de manter o jornalismo literário vivo é por meio do livro-reportagem.

2.5 LIVRO-REPORTAGEM:

Pode-se considerar a notícia como uma ampliação da nota, assim como a reportagem uma extensão da notícia. As grandes reportagens são ainda mais amplas, podendo ser publicadas por meio de livro-reportagem - veículo de comunicação não periódico. De acordo com Lima (2009), o livro-reportagem é uma publicação que se diferencia das demais obras literárias devido a três aspectos: conteúdo, tratamento e função. O conteúdo - apesar de utilizar recursos da narrativa literária - não perde a essência jornalística. Refere-se a acontecimentos reais, porém não necessariamente factuais. O tratamento citado por Lima (2009), afirma que a construção da narrativa deve respeitar a linguagem jornalística. Neste caso também é importante que o uso da palavra seja formal, mas clara o suficiente para o entendimento de todos os leitores. A função - denominada pelo autor - é a missão social, pois assim como em qualquer outra plataforma, o conteúdo jornalístico deve informar, orientar e explicar.

A curiosidade e a inquietude do jornalista é o que move a produção de livros-reportagem, pois o profissional não se contenta com as informações já apuradas e divulgadas pela mídia convencional sobre determinado fato. O olhar atento percebe que existe mais o que apurar, mais vozes a ouvir, mais histórias a contar, como fez Daniela Arbex em suas obras. O livro-reportagem dispõe de espaço livre para desenvolver longas narrativas e mostrar todo potencial do repórter enquanto observador e escritor. “É no texto amplo, com mais espaço para

abrigar informações, aprofundar entrevistas e descrever os ambientes que o trabalho do jornalista tende a aparecer com mais vigor.” (DOMINGUES, 2012, p. 11).

O livro é uma das formas de aprofundar determinado tema, com objetivo de informar e situar o leitor acerca do mundo contemporâneo, mesmo que o tema não seja factual - considerando que sua produção passa por um longo processo de apuração, desenvolvimento textual e publicação. A história narrada no livro, por exemplo, pode ter acontecido anos antes de sua publicação, mas apresenta detalhes, versões dos fatos, informações e desdobres que ainda não tinham sido percebidos e que podem auxiliar o leitor a compreender realidades e despertar novos sentidos e significados. Este aprofundamento de pauta, conforme Lima (2009), enriquece o conhecimento dos leitores e pode ser caracterizada como vertical, horizontal ou ainda mesclar os dois. Horizontal é quando o autor levanta dados numéricos, informações ou detalhes que se sobressaem aqueles já divulgados pela imprensa, buscando ampliar quantitativamente o conhecimento com relação ao tema. Já a abordagem vertical possibilita um enriquecimento qualitativo ao leitor, proporcionando-lhe a compreensão do tema e sua inserção no contexto atual. Lima (2009) também denomina os livros-reportagem como subsistemas que agregam elementos do jornalismo e da literatura/produção editorial. Ou seja, os autores, a narrativa e todos os recursos textuais/linguagem e de reportagem são elementos do campo jornalístico. No entanto, toda obra literária precisa passar por um processo editorial que engloba distribuição, público, editora e mercado.

Dentre os fatores que motivam leitores a buscarem por livros-reportagem está a necessidade de suprir a carência de informações e encontrar uma nova abordagem do fato. De acordo com Lima (2009), a produção de um livro-reportagem deve então buscar preencher as lacunas deixadas pela abordagem artificial da mídia cotidiana em torno do evento. “Essa complementação se dá pela tentativa do livro em escapar da efemeridade e da superficialidade. O efêmero lhe é inerente, a superficialidade é uma condição que pode e deve ser combatida, sempre que possível.” (LIMA, 2009, p.41) Um simples acontecimento do cotidiano pode receber uma abordagem mais ampla em livros-reportagem, considerando que pode-se resgatar aspectos históricos, ou seja, informações do passado que fazem sentido em contextos atuais e podem proporcionar novas interpretações em torno do fato.

2.6 ESTADO DA ARTE

Por meio de uma busca por trabalhos acadêmicos que envolvam a mesma temática investigada neste trabalho, foi constatado que ainda não foi desenvolvida nenhuma pesquisa

que envolva a análise da narrativa humanizada utilizada no livro objeto. Porém, existem alguns trabalhos que abordam em partes a temática. O TFG intitulado *Comparativo da postura de Daniela Arbex como repórter nos livros “Holocausto Brasileiro”, “Cova 312” e “Todo Dia a Mesma Noite”*, da Universidade Federal do Maranhão, de 2018, utiliza do mesmo objeto de estudo, com outras obras referência em jornalismo de fôlego da mesma autora. Aborda a postura da jornalista Daniela como repórter e sua total responsabilidade na apuração e narração em cada uma das histórias. Esta pesquisa utiliza como método a análise de conteúdo de caráter comparativo, em que são identificadas as diferenças no fazer jornalístico em cada um de seus trabalhos. Na pesquisa é citado o fato da jornalista conseguir fazer um jornalismo humanizado com sucesso, mas não é o foco da pesquisa. Pretende mostrar de que forma a postura da repórter influenciou na edição final dos livros, baseado no modo como ele expõe os personagens e trabalha as entrevistas, por meio de análise de conteúdo e comparação.

Ainda com o mesmo objeto de estudo, existe também a pesquisa *Comunicação, literatura e experiência: estudo de recepção dos livros-reportagem de Daniela Arbex*, de 2019. Este trabalho realiza um estudo de recepção das obras literárias escritas pela jornalista, tendo como base teórico-metodológica a estética da recepção. Esclarece também a importância do processo de produção das narrativas jornalísticas para estabelecer relação do leitor com a obra, além de compreender o impacto dos livros-reportagem nos leitores e a possibilidade de provocar experiências sensíveis no processo de recepção. Nesta pesquisa, a humanização do discurso da jornalista é indispensável para o sucesso na recepção dos leitores, além de compreender o processo de produção de uma narrativa na reportagem, bem como suas principais características. Foi possível compreender os desdobramentos dessa relação que ocorre de acordo com o impacto do objeto (a obra) nos leitores, a exploração dos sentidos, e a influência desses agentes no âmbito social. Todavia, esta pesquisa está mais voltada para um estudo de recepção, e não especificamente focada na narrativa em si.

Ao buscar por pesquisas que englobam a linguagem humanizada no fazer jornalístico, principalmente manifestado em livros reportagem, existem vários trabalhos já publicados, mas que não utilizam do mesmo objeto de pesquisa. O trabalho *Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada* (MARTINEZ, 2009), refere-se a linha tênue que divide o jornalismo literário do humanizado, pois são linguagens que se assemelham, dialogam e se complementam. Um trabalho de destaque é o artigo científico submetido ao Intercom: *A presença do jornalismo humanizado nas crônicas do livro “A vida que ninguém vê”* (NASCIMENTO, 2015). A pesquisadora analisa a narrativa da repórter Eliane Brum nas crônicas do livro-reportagem enquanto exemplo de jornalismo literário e narrativa humanizada.

Também utilizando como objeto algumas reportagens de Eliane Brum, o trabalho final de graduação *Humanização do relato na construção da narrativa jornalística: uma análise de reportagens de Eliane Brum sobre a usina hidrelétrica de Belo Monte* (OLIVEIRA, 2018), da Universidade Franciscana, investiga como os relatos humanizados nas reportagens selecionadas constroem a narrativa sobre Belo Monte. A pesquisa busca investigar a abordagem dos textos sobre Belo Monte no jornal El País, examinar os elementos da narrativa que o tornam de interesse humano, além de compreender como os relatos das personagens contribuem na construção da narrativa. O trabalho também aborda os aspectos históricos sobre a evolução do jornalismo, estrutura da narrativa e a ligação do jornalismo literário com o relato humanizado.

Na mesma linha da humanização, existem vários artigos. Um deles é o *Relato humanizado no jornalismo: a importância da humanização na narrativa para um jornalismo transformador* (MONTIPÓ; FARAH, 2009). No entanto, a pesquisa refere-se à construção do jornalismo humanizado nas reportagens em geral, não em um livro-reportagem. Salienta a importância do relato humanizado e/ou literário enquanto papel social. A pesquisa *Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas* (IJUIM, 2012), busca entender o que de fato humaniza ou desumaniza o relato jornalístico através de aspectos históricos.

Alguns trabalhos investigam o relato humanizado voltado para a tragédia da Kiss, como em coberturas de televisão. Um exemplo é o Trabalho Final de Graduação *Cobertura jornalística humanizada: os casos Boate Kiss e Chapecoense* (BRESOLIN, 2017) realizado na Universidade de Passo Fundo. A pesquisa identifica uma mudança de formato nos telejornais e a humanização do relato em textos para o formato audiovisual. Também foi feita uma comparação em ambas coberturas e analisando os recursos de linguagem e humanização. Várias pesquisas abordam o modo de narrar histórias humanizando o discurso, tanto em grandes reportagens, quanto em textos jornalísticos para rádio e TV. Compõe também o mapeamento de pesquisas relacionadas ao tema o trabalho *Comunicação, literatura e experiência: estudos de recepção dos livros-reportagem de Daniela Arbex* (ALVES; COSTA, 2019). Trata-se de uma pesquisa que tem como objetivo entender a importância do processo de produção das narrativas jornalísticas, da relação do leitor com a obra jornalística. Também estuda a recepção, em que busca compreender o impacto dos livros-reportagem nos leitores e a possibilidade de provocar experiências sensíveis no processo de recepção das obras.

3. METODOLOGIA

A análise de conteúdo é um método bastante eficiente para os estudos da área das ciências sociais e da comunicação e, dependendo da pesquisa, envolve abordagem qualitativa (análise de sentidos) e quantitativa (análise da frequência). De acordo com Bardin (2011), a

análise de conteúdo, conduzindo as descrições sistemáticas e qualitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. O método se resume a:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

A autora afirma que a análise de conteúdo possui três fases que são essenciais em sua aplicação: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (inferência e interpretação). É um método de pesquisa que se desenvolve a partir da palavra, permitindo de forma prática e concreta, produzir inferências do conteúdo de um texto replicáveis ao seu contexto social. A pré-análise é definida como a fase de organização, e esta fase ainda é dividida em três etapas: a escolha do material a ser submetido à análise, “a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.” (Bardin, 1977) Na segunda fase os dados são codificados por meio de algumas unidades de registro. Na última etapa se faz a categorização, que consiste na classificação de elementos e expressões conforme suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns. (BARDIN, 1977)

Na presente pesquisa foi possível selecionar elementos textuais da narrativa que humanizam o relato. A metodologia permitiu selecionar um conjunto de palavras, frases e expressões utilizadas pela autora, cujo efeito foi causar sensibilidade e comoção nos leitores. Além disso, foi possível identificar quais recursos foram utilizados para compor o livro-reportagem. O método desta pesquisa parte de uma perspectiva quantitativa, por investigar e refletir sobre os efeitos de sentido dos textos analisados.

O livro *Todo dia a mesma noite*, de Daniela Arbex, é uma obra literária composta por uma narrativa textual. Foram analisadas páginas selecionadas, englobando uma parte de cada trecho da narrativa linear: início, meio e fim. A inferência e a interpretação são aspectos de suma importância no processo de análise, porque é através da amostragem coletada no texto que se consegue interpretar e compreender como se aplica em outros contextos. A partir das amostras do livro, será possível pontuar as características da narrativa. De acordo com Moraes (1999), a interpretação está associada à pesquisa qualitativa, ainda que não ausente na abordagem quantitativa, e significa uma busca aprofundada da compreensão.

3.1 OBJETO DE PESQUISA

3.1.1 Daniela Arbex

A jornalista Daniela Arbex é reconhecida pelo mundo por investigar, narrar e reconstruir histórias marcadas pelo sofrimento. Fazer justiça e lutar pelos direitos humanos através de uma narrativa que reconstrói a memória é uma das principais características da autora. Mesmo que sua trajetória tenha começado distante dos grandes centros, a jornalista ganhou espaço e reconhecimento pelo seu trabalho. De acordo com informações contidas no site oficial de Daniela Arbex¹, a jornalista já foi premiada mais de 20 vezes dentro e fora do país e, dentre as principais premiações estão: o prêmio americano Knight International Journalism Award que recebeu em 2010, o prêmio IPYS de Melhor Investigação Jornalística da América Latina em 2009 e o Natali Prize, que ela recebeu na Bélgica no ano de 2002. Em 2020, Arbex foi ganhadora do “Troféu Mulher Imprensa” na categoria repórter investigativa. A jornalista atuou por 23 anos como repórter especial do Jornal Tribuna de Minas, localizado na cidade de Juiz de Fora/MG. Neste período de atuação, produziu reportagens que foram contempladas com o Prêmio Eloísio Furtado, de melhor reportagem do ano.

Atualmente, aos 46 anos, a profissional dedica-se à literatura. Suas obras *Cova 312, Holocausto Brasileiro, Todo dia a mesma noite* e *Os dois mundos de Isabel* - primeira biografia lançada em 2020 -, são reconhecidas pela sensibilidade, humanização, ineditismo e por dar voz e visibilidade às pessoas que passaram ao longe dos olhares da mídia convencional.

3.1.2 A obra *Todo dia a mesma noite*

O livro da Boate Kiss nada mais é do que grande exemplo de luta contra o esquecimento, de sensibilidade e de construção da memória através de uma narrativa inédita. Como é mencionado no site oficial de Daniela Arbex, “o jornalismo investigativo tem um papel fundamental na construção da memória coletiva do Brasil”.

A narrativa construída no livro, de característica humanizada, também mostra o posicionamento respeitoso da autora diante do sofrimento alheio e a parcialidade com que escreve. Arbex não prezou pela isenção, pelo contrário, foi subjetiva por vários momentos no texto, o que não significa abrir mão de preceitos básicos da profissão. O jornalismo permite contar histórias através de uma narrativa construída por meio da compreensão, reflexão e posicionamento da jornalista sobre os fatos, afinal, o relato jornalístico nunca é por completo

¹ Site oficial de Daniela Arbex. Disponível em <https://danielaarbex.com.br/> Acessado em 03/06/2021

imparcial. Alguns sentimentos e emoções da autora são possíveis de serem percebidos no texto. Ganha ênfase na obra o trecho em que a autora demonstra indignação: “Foi quando teve início o cumprimento de um protocolo vergonhoso: a entrada dos políticos”. Neste momento, a jornalista se refere ao fato dos políticos locais entrarem no ginásio antes mesmo dos pais das vítimas na hora do reconhecimento dos corpos. Principalmente na narrativa humanizada é difícil relatar com objetividade e essa espécie de “posicionamento” é o que pode enriquecer e diferenciar a reportagem humanizada dos demais textos jornalísticos.

A obra é sinônimo de luta por justiça. Isto porque, a autora recria cenas de negligência e irresponsabilidade de órgãos públicos vividas naquela madrugada. A leitura desperta reflexões sobre o que amedronta o ser humano e sobre o sentido de viver cercado de perigos, a começar pelos poderes públicos que, muito frequentemente, agem em desacordo com a segurança do público. O prefácio, texto introdutório da leitura - escrito pelo jornalista Marcelo Canellas, já começa com emoções e situa o leitor do que está por vir nas próximas páginas: um “inventário de afetos”. Ao longo da leitura, a tragédia humana vai sendo revelada por meio de seus protagonistas: sobreviventes, familiares das vítimas e profissionais da saúde.

No primeiro capítulo “É Guerra!”, é possível acompanhar o desespero e a angústia do médico Dornelles, que após uma semana de - estranha - calmaria no SAMU, foi acionado em sua folga porque uma tragédia havia acontecido. O médico, apesar de sua vasta experiência com situações-limite, entrou em estado de choque ao ver inúmeros jovens desacordados na rua da boate incendiada. É válido ressaltar que muitos profissionais da saúde foram ouvidos por Arbex. Os relatos deles revelam a dificuldade em aceitar que um desastre como este havia acontecido. Em meio a choro e profunda tristeza, eles precisaram se recuperar do choque com a situação e se concentrarem em salvar o máximo de vidas possíveis. Ainda no primeiro capítulo, tomamos conhecimento do drama vivido naquela madrugada pelo Sargento Robson, do Corpo de Bombeiros. O bombeiro se assustou ao se deparar com a cena da boate em chamas e com mais de 300 jovens ainda lá dentro. A fumaça tóxica que saía da boate e a equipe pouco preparada para aquele tipo de situação preocupou o profissional.

O título do segundo capítulo “Sinfonia da Tragédia”, se refere principalmente à aterrorizante mistura de sons que vinha dos celulares das vítimas que tocavam ainda dentro da boate. Alguns aparelhos mostravam mais de 150 chamadas perdidas com o nome de “mãe”. A enfermeira Liliane precisou conter as emoções ao entrar no interior da casa noturna e se deparar com inúmeros corpos ainda tão jovens esparramados pelo chão. No mesmo capítulo ainda podemos conhecer a triste história de duas famílias que procuram incansavelmente seus filhos na esperança de encontrá-los com vida.

No capítulo 3 “Histórias Cruzadas” a saga dos pais que procuram seus filhos se repete. O título faz sentido porque as histórias de duas famílias que já tinham ligação se cruzam na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013. A consultora ótica Livia trabalhava na empresa dos Sãopedrenses Marta e Sílvia. Ambas famílias perderam seus filhos na boate: Heitor e Silvinho. O capítulo 4 “Um encontro inesperado” conta a história do médico cirurgião Ewerton, que acaba recebendo na emergência do Hospital Universitário onde estava atendendo as vítimas do incêndio, o seu filho quase sem vida. O médico Dornelles, do SAMU, após perceber que não haveria mais o que fazer na boate, se direcionou aos hospitais oferecendo sua ajuda. No Hospital de Caridade, após uma curta reunião entre a equipe para tentar aliviar o caos e atender todos os doentes, Dornelles ficou encarregado do transporte e transferência de pacientes.

O quinto capítulo “Desaparecidas”, relata o quão desesperador é procurar por um filho sem respostas. Ligiane Righi procurou por sua filha e mais 4 amigas dela pelos hospitais da cidade. Teve sua esperança renovada ao saber que havia uma “Andrielle Righi” internada. No entanto, tratava-se de uma menina chamada “Adrielle Roth” e a busca precisou ser retomada. Ao final deste capítulo, as mães das meninas já consideravam a triste hipótese de elas estarem no ginásio Farrezão, para onde eram encaminhados os corpos das vítimas. A enfermeira Liliane - profissional da saúde com bastante protagonismo no livro -, aparece novamente quando os corpos são transportados para o Ginásio. A contagem das vítimas naquele momento era estonteante, pois já ultrapassava de 200.

No capítulo seguinte, segue o descarregamento dos corpos para o Ginásio. Márcia e Liliane tiveram a difícil missão de coletar material para futuras análises, recolher os pertences das vítimas e limpeza da fuligem para melhor identificação. As profissionais ainda precisaram lidar com situações de desrespeito, em que um funcionário de uma funerária tirou fotos de uma menina seminua. As necropsias constataram que a maioria dos jovens morreram por asfixia e inalação de fumaça tóxica. Neste mesmo capítulo, Daniela relatou como se deu o protocolo que permitiu que políticos como Ministro da Saúde, Governador do Estado, entre outros, entrassem no ginásio antes dos pais para o reconhecimento das vítimas.

Intitulado de “O corpo de número vinte”, o capítulo 7 conta sobre o momento em que Vanda Dacorso, mãe de Vitória - amiga de Andrielle Righi -, reconhece o corpo de sua filha no ginásio. O capítulo 8, “Embarcando o filho”, conta a história de uma família de São Paulo que desembarcou em solo gaúcho na esperança de encontrar o filho Rafael com vida, porém a notícia do falecimento do rapaz já veio à tona antes mesmo de eles chegarem em Santa Maria. O capítulo 9 conta detalhadamente a história de Augusto, filho adotivo de um humilde casal que também faleceu na Kiss. Neste trecho, Arbex narrou a dolorosa escolha do último traje que

as mães escolheram para enterrar seus filhos. Lucas, também morto na boate, foi vestido com seu traje preferido: bombacha, camisa e lenço vermelho.

As páginas que fazem parte do capítulo “Com choro e sem vela” relataram o melhor e pior lado do ser humano. Enquanto algumas pessoas tinham atitudes solidárias - como distribuir comida e suco nas proximidades do Farreirão, outras pessoas utilizavam da dor coletiva para ganhar dinheiro. A ganância falou mais alto, em que as funerárias superfaturaram os produtos, aumentando ainda mais a dor das famílias enlutadas. Nesta parte do livro, a autora descreveu como aconteceram os velórios, alguns no coletivo, outros individual.

O capítulo “Holocausto dos tempos modernos”, fala sobre a dificuldade em detectar o que de fato matou aqueles jovens tão rapidamente. Muitos dos sobreviventes continuaram - mesmo após dias de internação - em estado gravíssimo de saúde. Foi constatado que as mortes foram causadas por envenenamento de cianeto - veneno de ação rápida que impede o transporte de oxigênio para órgãos vitais - juntamente com a intoxicação de monóxido de carbono. Cinco minutos de exposição a uma quantidade significativa desse gás é suficiente para levar o indivíduo a óbito. O capítulo “Abrindo os olhos”, conta a história do doutorando em Medicina Veterinária Gustavo que, após 9 dias em coma, acorda no Hospital em Porto Alegre sem entender o que está acontecendo. Após muito tempo de tratamento, cirurgias e enxertos de pele, Gustavo sabia que sua vida havia mudado e que precisaria reaprender a viver.

“Todo dia é 27” é um capítulo do livro que trata o pós-tragédia. Muitas famílias, desestruturadas emocionalmente, não tiveram forças para continuar neste mundo sem seus entes queridos. Alguns vieram a falecer, outros sofreram de profunda depressão. A tragédia causou destruição entre as famílias. A autora cita um caso de uma mãe enlutada, que - transtornada mentalmente e precisando urgentemente de ajuda - tentou matar a própria filha e tentou cometer suicídio duas vezes. Não sendo suficiente toda a dor causada pela tragédia, alguns pais foram processados por injúria e difamação por se manifestarem em prol da justiça, como mostra o capítulo “Fechando os olhos”. Neste trecho, Daniela traz à tona alguns desdobres do caso até o momento da publicação do livro, como o fato da boate não estar em condições adequadas de funcionamento, alvará vencido sem fiscalização, etc. A omissão e a negligência de poderes começam a ser desmascaradas. O capítulo “Quarenta segundos” conta os momentos anteriores ao incêndio. Mostra como os jovens curtiram a festa antes de começar o pesadelo. No último capítulo, anterior aos agradecimentos, a autora fala sobre a importância para as famílias que é não esquecer. A memória se torna uma luta contra a impunidade.

4. PERCURSO METODOLÓGICO:

4.1 CATEGORIZAÇÕES:

A análise foi feita a partir de algumas categorizações, definidas com base no referencial teórico e em uma pré-análise. Categorizar é definido por Fonseca Júnior (2006) como a classificação e o reagrupamento do objeto de pesquisa de modo a tornar compreensível os dados em massa. As categorias selecionadas para o estudo são características da narrativa humanizada já mencionadas no referencial teórico. A presença destas características foram observadas no objeto de análise - capítulos selecionados do livro - em uma pré-análise. São esses: 1. criação de cenários ; 2. descrição de sentimentos humanos; 3. valorização de personagens; 4. resgate da memória e 5. escolha das fontes.

A criação de cenários é a primeira categoria e corresponde a uma ampla descrição dos espaços físicos - a partir dos relatos de quem esteve no local. A descrição detalhada de cenários forma uma ambientação e causa nos leitores um efeito de real - e não apenas imaginário. A rica descrição de cenários contribui para a compreensão do leitor acerca dos fatos abordados. A criação de cenários também propicia compreender o quão significativo são determinados locais na narrativa e também proporciona ao leitor a aproximação com realidades distintas.

Valorizar personagens corresponde a uma forma de humanizar o relato. Significa evidenciar o relato do entrevistado transformando-o em personagem da história. Os personagens enfatizados na narrativa são pessoas comuns da sociedade que ganharam nome, sobrenome, voz e visibilidade. As pessoas envolvidas nos fatos recebem uma atenção especial no texto e um lugar de fala, em que suas ações e posicionamentos constroem e geram a compreensão dos fatos para o leitor. Valorização de personagens também é traçar uma personalidade para o indivíduo por meio da descrição durante a narrativa. Quando a narrativa enfatiza os personagens, muitas vezes os leitores se veem naquela realidade, ou seja, enxergam no personagem uma projeção de si mesmo. O escritor (a) de narrativas humanizadas valoriza a profundidade do ser. Observa nos entrevistados suas fraquezas, frustrações e emoções.

A descrição dos sentimentos humanos aproxima leitor e personagem, permitindo um sentimento de identificação. O detalhamento de seus sentimentos, pensamentos e como percebem a vida também propicia uma leitura mais vasta de cada personagem. Essa descrição também faz parte de um processo de humanização do relato.

Resgatar a memória significa manter viva a história que marcou uma comunidade, um período da vida das pessoas. Relembrar - contextualizando os fatos - amplia e enriquece a

visão sobre os acontecimentos vividos no tempo passado. Por meio da narrativa, uma trajetória vai sendo traçada para trazer de volta o que já foi vivido por alguém uma vez. Resgatar a memória também é uma recusa ao esquecimento e luta por justiça. A escolha dos personagens faz parte de um processo importante da construção da narrativa. São as fontes, que irão fornecer material necessário para reconstruir os fatos como se estivéssemos testemunhando ou vivendo tal realidade.

4.2 PRÉ-ANÁLISE:

Para a análise, foram selecionados quatro capítulos do livro “Todo o dia a mesma noite”. O capítulo “É guerra”, foi escolhido por ser o primeiro do livro. É relevante analisar esta parte, pois aborda o início da tragédia por meio das vivências de um médico socorrista do SAMU, que atuou naquela madrugada.

O segundo capítulo escolhido para análise é o “Desaparecidas”, que representa o drama vivido pelas famílias que buscavam notícias dos filhos pelos hospitais da cidade. É uma perspectiva da história pelo viés das famílias.

O capítulo “Quando a política vem na frente da dor” foi escolhido por relatar o momento do reconhecimento dos corpos e chegada dos políticos ao Farrezão antes mesmo dos pais das vítimas. Daniela mencionou a chegada dos políticos como um “protocolo vergonhoso”, referindo-se que os interesses políticos vieram na frente da dor. Todo o capítulo representa momentos importantes da história que se diferem dos demais capítulos escolhidos.

O último capítulo analisado “Com choro e sem vela” mostra como aconteceram os atos fúnebres de algumas famílias atingidas, a devastação emocional que a tragédia causou nos familiares, o oportunismo por parte de algumas empresas e falta de materiais para velório e enterro em Santa Maria. Também foi evidenciado o melhor e o pior lado do ser humano, em que ações solidárias e atitudes indignas foram evidenciadas pela autora.

Os quatro capítulos analisados foram selecionados porque cada um deles conta a história da tragédia através de uma perspectiva diferente. São óticas distintas diante de um mesmo acontecimento: o incêndio na Kiss.

5. ANÁLISE

5.1 “É GUERRA”:

No primeiro capítulo do livro “É guerra!”, é possível conhecer o início da tragédia por meio das vivências do médico socorrista Dornelles e do Bombeiro Robson. Daniela Arbex inicia relatando sobre o quão alta estava a temperatura em Santa Maria na tarde do dia 26 de janeiro de 2013. O calor escaldante - um dos verões mais quentes dos últimos anos -, não era a única coisa que espantava naquele dia, mas sim a estranha calmaria no SAMU. A falta de ocorrências até assustava os profissionais da saúde, parecia que algo grande estava por acontecer e, de fato, aconteceu. O médico Dornelles, - protagonista do capítulo -, foi acionado na madrugada do dia 27 em sua folga para atuar no salvamento das vítimas da Kiss. O bombeiro Robson também precisou trabalhar naquela madrugada, mas o que assustava o profissional era a falta de pessoas capacitadas em sua equipe. A cena de jovens morrendo rapidamente e o caos instaurado assustava até mesmo os profissionais que já eram acostumados a lidar com situações-limite. Robson, ao chegar no local do incêndio, já previu o perigo daquela fumaça preta que saía da boate. Mas o que desestabilizou o profissional recém chegado foi a quantidade de pessoas que ainda estavam no interior da boate: mais de 600. Ainda neste capítulo, a autora menciona outro personagem importante: o médico veterinário Gustavo que saiu vivo da boate, mas queria ajudar a salvar outras pessoas. No entanto, o veterinário, em decorrência da adrenalina - hormônio liberado no corpo em certas situações - não tinha percebido seu verdadeiro estado de saúde, que também era grave.

5.1.1 Criação de cenários:

Neste capítulo, - assim como em outros não mencionados na análise -, Arbex cria cenários ao descrever espaços físicos e todos os elementos que contém neles. Como é no primeiro capítulo que o leitor se situa de como a tragédia começou pela perspectiva dos profissionais socorristas, fez-se necessário descrever o cenário que os médicos, bombeiros e demais profissionais encontraram ao chegar no local do incêndio. O médico Dornelles, ao descer do táxi que o levou até a boate Kiss - após receber uma ligação desesperada do colega de trabalho -, se deparou com uma cena de guerra descrita por Arbex.

Desceu a Andradas correndo e, de longe, ficou impressionado com a multidão que cercava a entrada da boate. Havia inúmeras pessoas gritando, transtornadas, e vários jovens caídos no chão recebendo massagem cardíaca de várias outras vítimas em melhor estado. Muita gente chorava. De longe, ele avistou o caminhão dos bombeiros

e a ambulância da USA 24, que dispõe de uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). (ARBEX, 2018, p.18)

Nas páginas 23 e 24, a autora detalha o cenário que o bombeiro Robson se deparou ao entrar na boate na tentativa de resgatar alguém com vida.

Entrando na boate sem enxergar nada, apesar da lanterna que carregava, o sargento se deparou com uma muralha humana após cruzar a porta que ligava o hall ao salão. As vítimas estavam empilhadas umas sobre as outras, e para chegar até elas ele precisou ir tateando. Sem ter como determinar quem estava vivo ou morto - em função do grande número de pessoas inconscientes - o bombeiro voltou para a porta de entrada da kiss. (ibidem, p. 23-24)

É descrito também o momento que o bombeiro retorna para dentro da boate pela segunda vez para salvar vidas. “Novamente dentro da boate, o sargento não ouvia gritos de socorro. Descobriu, entretanto, que havia pessoas vivas, porque se agarravam aos pés e às pernas dos bombeiros” (ibidem, p.24) As ambiências, detalhadas por Arbex, mostram que alguns frequentadores da boate estiveram em desvantagem em relação a outras pessoas que estavam mais próximas à saída. O calor extremo, o empilhamento de pessoas e as estruturas de ferro utilizadas de forma irregular para organizar as filas dificultavam o salvamento. Ao final do capítulo, nas páginas 26 e 27, Arbex retomou a descrição do caos frente à boate após meia hora do início do incêndio, com o propósito de mostrar o início da tragédia através de vários olhares. “Ainda não havia nenhum isolamento da área em que meninas andavam descalças e sem direção. Na rua, por todo lado, era possível ver sapatos de salto alto esquecidos. O ir e vir continua desordenado” (ibidem, p.26-27) A criação de ambientes por Arbex se deu a partir dos relatos daqueles que estiveram lá no dia da tragédia. A entrevista permite a coleta de informações necessárias para uma descrição rica que leva o leitor de volta ao dia da tragédia.

5.1.2 Descrição de sentimentos humanos:

O que ocorreu na boate Kiss foi uma tragédia humana. Despertou nas pessoas sentimentos de dor, compaixão, tristeza, revolta. A obra de Arbex representa os sentimentos manifestados por todos os envolvidos nos momentos antes, durante e no pós-tragédia. Desperta sentimentos também nos leitores, que se sensibilizam pela dor alheia. Nos momentos que antecederam à tragédia o sentimento de tranquilidade ainda reinava entre os profissionais da saúde que ainda não sabiam o que estava por acontecer. Este sentimento aparece nos diálogos entre os médicos plantonistas.

Após cumprir seu plantão no Samu de Santa Maria, o médico intervencionista entregou, às sete horas, o comando ao médico Pedro Copetti Dalmaso, 32 anos.

- Olha Pedro, não está acontecendo nada. Tudo tranquilo nas últimas vinte e quatro horas.
- Sério, cara? Que estranho - respondeu Pedro, como se tivesse ouvido a conversa iniciada minutos antes de sua chegada. (ARBEX, 2018, p. 14)
-

Outro momento que representa o estado sentimental dos personagens é quando Arbex descreve como aconteceu o jantar no sábado de folga do médico Dornelles com a esposa e amigos. “E foi em noite regada a muita conversa e cerveja que o jantar aconteceu.” (ibidem, p.15) A frase expressa tranquilidade, leveza e diversão nos momentos vividos pelos personagens naquele sábado à noite. Representa os sentimentos do pré e do pós-tragédia que se transformaram em uma fração de horas. Na madrugada o médico Dornelles foi acionado para atender as vítimas das Kiss.

No momento em que Arbex menciona, no primeiro capítulo, o doutorando em Medicina Veterinária, Gustavo Cadore, já é notável a descrição dos sentimentos que o estudante apresentou ao sair da boate com vida. “Ao retomar os sentidos, ele mal conseguia falar. Chorando muito, sentou-se na calçada perto de onde os mortos estavam sendo colocados” (Ibidem, p. 25) Esta descrição serve para representar o quão abalado estava o jovem ao sair da boate sem seus amigos e rodeado de corpos. Além do abalo emocional, o estudante não estava ciente da gravidade do seu estado de saúde, em que apresentava graves queimaduras. Um jovem desconhecido que encontrou Gustavo após a sua saída, tentou alertá-lo sobre as queimaduras. Ele se recusava a buscar ajuda médica pois acreditava que não estava mal, mas a preocupação e a angústia nas pessoas que o encontravam - também descrita por Arbex -, fez com que o veterinário aceitasse ajuda. “A angústia na voz daquele rapaz fez Gustavo prestar a atenção em si mesmo” (ibidem, p.25)

Na última página deste capítulo, foi descrito pela autora o sentimento do bombeiro Robson ao acessar os banheiros da boate e se deparar com uma quantidade significativa de corpos empilhados. “Nenhum treinamento o havia preparado para lidar com a dor que sentiu no momento em que se viu tomado pelo mais humano dos sentimentos: a compaixão.” (ibidem, p. 30) O bombeiro não esperava ver aquela cena, tantos jovens mortos por buscarem uma saída. Ao acessar o interior da boate ele até sentiu um certo alívio pois boa parte dos frequentadores já haviam saído da boate, mas assim que foi aos banheiros percebeu a dimensão do desastre. “Não salvamos ninguém - repetia, em choque. - Não salvamos ninguém” (ibidem, p. 30) A fala do bombeiro representa o sentimento de impotência do profissional ao se deparar com a cena estarrecidora.

5.1.3 Valorização de personagens:

Como já mencionado no referencial teórico, enfatizar personagens significa colocar os seres humanos em evidência ao longo da narrativa. Neste capítulo, - assim como em outros, Arbex utiliza-se dos personagens para humanizar o relato. O médico socorrista Carlos Fernando Drumond Dornelles e o bombeiro Robson Viegas Müller são personagens guias no capítulo 1, em que suas falas, ações e posicionamentos ganham espaço. Já na primeira frase percebe-se a autora colocando as ações do médico em evidência, que protagoniza o capítulo. “O socorrista tirou a toalha de papel do bolso do macacão azul e passou sobre a testa molhada. Do lado de fora da Unidade de Suporte Avançada (USA 24) do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), ele procurava uma sombra” (ARBEX, 2018, p.13) Neste trecho, a autora começa contando sobre o calor extremo que fazia na tarde que se antecedeu a tragédia, na qual o socorrista estava de plantão.

É mencionado por Arbex a trajetória profissional do médico Dornelles, em que a autora conseguiu representar o que a figura dele significa no contexto da história. Mesmo já acostumado a atuar em situações de guerra, o médico socorrista se desestabilizou ao se deparar com o desastre causado pelo incêndio. A falta de ocorrências no SAMU fez com que o profissional desconfiasse que algo grande estaria por vir.

Formado pela Universidade Luterana do Brasil, Dornelles era avesso a adivinhações. Para quem passara seis meses e 21 dias trabalhando sem folga em missão do exército entre as vítimas do terremoto no Haiti, que em janeiro de 2010 devastou a capital, Porto Príncipe, ficar parado não era sinônimo de mau presságio. Era apenas uma chance a menos de ajudar alguém. No entanto, ele sentiu certa desconfiança em relação à ausência de chamadas. (ibidem, p. 14)

É dado grande espaço de fala para Dornelles, tanto nos momentos anteriores à tragédia, quanto durante a atuação naquela madrugada. Um dos diálogos, mostra como Dornelles ficou sabendo do incêndio pelo seu colega Pedro que estava de plantão.

- Fogo, fogo, cara. Está cheio de gente!
- Calma, Pedro. Onde tu estás?
- Cara, é fogo! Vem pra cá pelo amor de Deus! Uma coisa horrível. Uma tragédia.
- Onde? - insistiu Dornelles, ao perceber a agonia do amigo.
- Na kiss, na kiss. Vem pra cá agora, vem pra cá agora! (ibidem, p.16)

O personagem Dornelles, descrito e enfatizado pela autora, representa o bom profissional que ele é. Um médico que se preocupa em salvar vidas. Assim como Dornelles, o bombeiro chefe Robson Müller também protagoniza o capítulo e ganha lugar de fala. Quando o socorrista percebe que ainda tinha muita gente no interior da boate e sua equipe estava desfalcada - muitos bombeiros ainda em formação e com pouca aptidão para uma situação

como aquela -, ele pede reforço. “ - Precisamos de reforço. Manda vir, urgentemente, a viatura do Parque Pinheiro Machado - pediu o sargento, acrescentando que fossem convocadas todas as ambulâncias da cidade.” (ibidem, p.23) O sargento é mencionado por Arbex como uma figura líder. Além disso, a autora consegue representar ao longo da narrativa sua aptidão do sargento para atuação em situações-limite, bem como seus conhecimentos adquiridos em sua larga experiência no ramo. “Ao avistar a fumaça preta que saía da boate, Müller, há 26 anos no Corpo de Bombeiros, já sabia, pela sua cor, que havia um alto grau de toxicidade no ambiente. Qualquer minuto a mais significava vidas a menos a salvar.” (ibidem, p.23) O sargento Robson também foi enfatizado pela autora como guia da equipe de bombeiros que, justamente naquela madrugada, estava composta em sua maioria por aprendizes.

5.1.4 Resgate da memória:

O resgate da memória é uma das principais características das obras de Arbex e é uma forma de manter viva a história de um cidadão, um povo ou uma comunidade. Arbex resgata a memória quando conta sobre um episódio que marcou a história de Santa Maria: o incêndio na boate Kiss. Mas, além disso, o resgate da memória inclui relatar sobre como era o lugar Santa Maria/RS, como vivia a comunidade, quem eram aquelas pessoas que se envolveram de alguma forma na tragédia. Um exemplo disso é o trecho em que Arbex fala um pouco sobre a cidade por meio das vivências do médico Dornelles horas antes da tragédia acontecer. “Como todo mundo na região, Dornelles sabia que, em uma cidade como Santa Maria - com sete universidades privadas e uma federal, cujos cursos estão entre os mais disputados do Brasil -, a vida noturna só começaria depois da meia-noite.” (ARBEX, 2018, p.15-16)

Resgatar a memória de um lugar também engloba mencionar sua localização. Quando Arbex se refere a lugares específicos da cidade como “esquina da Avenida Rio Branco com a Rua dos Andradas” (ibidem, p.17) ou “estacionamento do supermercado Carrefour, em frente à casa de shows” (ibidem, p.15), o leitor - que conhece o lugar -, pode se identificar e até mesmo lembrar momentos vividos em particular. Mencionar a localização também significa dar nome ao lugar onde tudo aconteceu, faz parte da história, da contextualização. Faz parte do processo de situar o leitor onde aconteceram determinados fatos.

Resgatar a memória significa reconstruir histórias que um dia foram vividas. A reconstituição das ações dos personagens e dos cenários onde se deu as cenas contribuem para a contextualização dos fatos, em que uma trajetória começa a ser traçada no tempo passado. No primeiro capítulo, a trajetória de Dornelles ganha destaque na narrativa, pois representa quem

era o socorrista - antes da tragédia - como profissional e como ser humano. O “antes” do personagem Dornelles é mostrado em vários momentos por Arbex, como no trecho em que a autora cita as conquistas do médico que antes tinha poucas condições financeiras.

Antes de seguir de volta para casa, o socorrista e a mulher ainda passearam com seu Ford Eco Sport pelas ruas do Centro. O carro novo era uma baita conquista para alguém como Dornelles, que precisara da ajuda do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) para pagar a Faculdade de Medicina. Em 2008, depois de concluir o curso, ele começou a devolver ao governo federal as parcelas investidas em sua formação. (ibidem, p.15)

Ainda para retratar a trajetória profissional do médico, Arbex fala de suas experiências no Haiti, que apesar de trágico, não se comparava ao que ele presenciou no salvamento das vítimas da Kiss.

Capacitado no atendimento de múltiplas vítimas, Dornelles achava que já tinha visto de tudo nos meses em que socorrera sobreviventes no Haiti. Atendera pessoas mutiladas, combatera doenças infecciosas como malária e febre amarela [...] O episódio que testemunhava em Santa Maria, contudo, ia muito além de um desastre natural. Era uma tragédia humana, cujos culpados ele ainda desconhecia. (ibidem, p. 20-21)

Resgatar a memória é um processo de relembrar para não esquecer. É luta por justiça. Daniela Arbex é muito pontual em alguns momentos em que expõe a negligência e a irresponsabilidade detectadas nos depoimentos. “Na prática, quem não conseguiu chegar até o funil da única saída, bloqueada por grades de ferro usadas irregularmente na organização das filas de entrada, não tinha a menor chance de ser salvo” (ibidem, p. 24) A frase expressa a irregularidade e a negligência por parte dos poderes.

5.1.5 Escolha das fontes:

Escolher corretamente as fontes é um aspecto crucial para a produção de um bom texto jornalístico. Essa tarefa foi executada com excelência por Arbex, pois a jornalista conseguiu reunir fontes importantes para que “a história não contada da Boate Kiss” fosse narrada. Pessoas que antes tinham sido ignoradas pela mídia convencional, foram ouvidas por Arbex, como pais, sobreviventes e profissionais da saúde. Fontes fundamentais para que a narrativa fosse construída de forma humanizada e inédita. A estatística de 242 vítimas, na obra, deixou de ser apenas números. Por meio da escolha das fontes, Arbex dá nome, sobrenome e um lugar de fala para as pessoas que vivenciaram de perto a tragédia. As fontes foram selecionadas para que a história fosse contada através de diferentes ângulos. No primeiro capítulo “É Guerra!”, as fontes escolhidas que ganham destaque são os profissionais da saúde que atuaram no

salvamento das vítimas. É um olhar sobre o início da tragédia. O diálogo do Bombeiro Müller com um rapaz em frente à boate incendiada, representa as situações de choque vividos pelos profissionais que atuaram naquela madrugada.

- Bombeiro, tem gente, tem gente - gritou um rapaz para Müller, apontando na direção da boate.
 - Quantas pessoas tu acha que ainda tem lá? - perguntou o comandante de Socorro.
 - O dobro daqui de fora.
- Müller gelou. Olhou a multidão ao redor, cerca de trezentas pessoas, sem acreditar que haveria duas vezes mais lá dentro.
- Como o dobro? Não pode ser! Essa boate é pequena - argumentou, tentando não demonstrar o pavor que sentiu. (ibidem, p. 22)
 -

Arbex no primeiro capítulo menciona 4 fontes: o médico Dornelles, o bombeiro Müller e os dois sobreviventes da kiss Gustavo Cadore e Ezequiel Lovato Corte Real. Os dois profissionais da saúde são fontes principais e os sobreviventes são fontes secundárias. A jornalista optou por nomear todas as pessoas, mesmo que não seja uma fonte. Ezequiel sobreviveu ao incêndio e foi voluntário no resgate das vítimas. O trecho a seguir retrata o momento em que o voluntário retirou da casa noturna um jovem já sem vida. “Puxou primeiro uma vítima masculina, um rapaz maior do que ele, levando-o para fora da casa noturna. Não sabia, mas carregava no colo o universitário Bruno Kräulich, de 28 anos.” (ibidem, p.28) O trecho representa o quanto a autora se preocupa em tirar as pessoas do anonimato. Esse recurso é uma das características do jornalismo humanizado.

5.2 “DESAPARECIDAS”:

O capítulo quinto “Desaparecidas” representa o drama vivido pelas famílias na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013. Arbex relata sobre a busca incansável das famílias por um grupo de 5 meninas que estavam juntas na boate, mas que haviam “desaparecido”. Mães e pais buscavam pelos hospitais notícias das filhas, porém todas foram encontradas no ginásio Farrezão, onde eram colocados os corpos. Ligiane Righi e Vanda Dacorso foram protagonistas no capítulo, em que o enredo se concentra na busca pelas suas filhas. O caos instaurado nos hospitais e a falta de controle sobre quem chegava e saía dificultava ainda mais a busca pelas jovens. O trabalho da enfermeira Liliane no resgate dos corpos para o Farrezão também ganha destaque na narrativa.

5.2.1 Criação de cenários:

Arbex já inicia o capítulo descrevendo o cenário que leva o leitor a imaginar o quarto da avó de Andrielle Righi. “O rádio-relógio marrom ficou ligado a noite toda no quarto de Gainor Paim Righi. Ela gostava do aparelho, estrategicamente posicionado ao lado da cama.” (ARBEX, 2018, p.83) A idosa acompanhou o desfecho da tragédia pelo rádio, que estava sendo transmitida em tempo real.

O caminhão da Brigada Militar de Santa Maria deslocou os corpos das vítimas da boate até o ginásio, onde foram reconhecidos pelas famílias. Foram necessárias 8 viagens para que todos os corpos fossem levados. A cena deste carregamento foi detalhada por Arbex na página 89 e leva o leitor a compreender e visualizar como se deu a ação.

Com luvas brancas e máscaras, brigadianos, militares do Exército e voluntários começaram a carregar os corpos para dentro do caminhão de carga, cujo piso havia sido forrado com uma lona bege. Uma rampa fora improvisada para o acesso ao interior do veículo. [...] Como as macas estavam sendo usadas nos hospitais, os mortos foram colocados sobre a lona, e, diante da quantidade de gente, acabaram sendo empilhados uns sobre os outros. (ibidem, p. 89)

Logo após o carregamento, fez-se necessário uma organização para que as vítimas fossem descarregadas no complexo desportivo, cena também descrita por Arbex. “Cerca de cem policiais militares fizeram uma barreira humana para isolar o local, permitindo que o caminhão entrasse de marcha ré em um dos ginásios para facilitar a retirada dos corpos” (ibidem, p. 90) Quando é mencionado por Arbex a casa de Fani, mãe da Flavinha - uma das meninas desaparecidas do quinteto -, a frase “Era lá, no imóvel de quarto, sala e cozinha, que as gurias gostavam de se arrumar.” (ibidem, p. 91) representa a simplicidade e o aconchego do local. Criar cenários faz parte de um processo de contextualização, que situa o leitor sobre como e onde aconteceram os fatos.

No trecho da página 94, Arbex descreve como estava o clima no domingo em que as famílias buscavam desesperadamente notícias das meninas desaparecidas. “O sol estava a pino na cidade batizada pelos gaúchos de Coração do Rio Grande. Com os termômetros marcando 39 graus, o calor era intenso em Santa Maria” (ibidem, p. 94) A descrição enriquece a narrativa e aproxima o leitor de uma realidade que não é sua.

5.2.2 Descrição de sentimentos humanos:

Receber a notícia que um ente querido pode estar morto desestabiliza qualquer ser humano, ainda mais uma mãe. Percorrer todos os hospitais da cidade sem respostas fez com que uma profissional da saúde pedisse para a mãe Vanda Dacorso considerar a possibilidade da

filha estar no ginásio Farrezão. O diálogo abalou fortemente a mãe e Arbex conseguiu reproduzir estes sentimentos durante a narrativa.

Vanda entrou em desespero. Não podia aceitar essa hipótese, afinal, Vitória estava o tempo todo na lista dos vivos e havia notícias de que fora entubada. Em meio ao impacto provocado por aquele diálogo, ela avistou, de longe, o ex-marido, Ildo, que aguardava sentado em uma cadeira do hospital pelo momento de ver a filha. (ibidem, p. 96)

O detalhamento de sentimentos, pensamentos e impressões das pessoas propicia uma vasta leitura de cada personagem. Por meio deste recurso, é possível acessar a profundidade do ser. A palavra desespero aparece novamente durante a narrativa, mas foi utilizada por Arbex para representar o sentimento de Ligiane ao percorrer os corredores dos hospitais em busca de sua filha e encontrar muitos jovens em ventilação mecânica. “Quando acessou o corredor, Ligiane entrou em desespero” (ibidem, p.87) Os familiares de uma das amigas de Andri também sentiram os impactos da tragédia e os sentimentos que os dominaram foi descrito pela autora. “O sentimento de incerteza provocava medo e angústia” (ibidem, p.84) Descrever sentimentos também é muito utilizado para humanizar o relato e sensibilizar o leitor, que automaticamente se identifica com tal realidade.

5.2.3 Valorização de personagens:

A vítima da Kiss Andrielle Righi, sua mãe Ligiane Righi, Vitória Dacorso - também vítima da Kiss - e a mãe Vanda Dacorso foram colocadas em posição de protagonistas por Arbex neste capítulo. O destaque para Andrielle é notado quando a autora descreve sua aparência e sua personalidade.

Das cinco amigas, Andrielle era a única que não tinha entrado para a faculdade. A garota de longos cabelos pretos que fazia o tipo rebelde sem causa usava *piercing* no lábio, tocava violão e era rápida na conquista de novos amigos, apesar da timidez com garotos. Com fome de viver, ela se preocupava pouco com o futuro. (ARBEX, 2018, p. 92)

Com a descrição da personagem, o leitor visualiza como ela é, não só fisicamente, mas também suas percepções, crenças e preferências. Na mesma página, a autora ainda menciona as quatro amigas de Andrielle e suas vestimentas para o evento que terminou em tragédia, enfatizando a amizade e o companheirismo entre elas.

Vitória, a menina que tingia os cabelos de vermelho com tinta de tecido, emprestou a Andri seu vestido preto, um de seus prediletos. Flavinha, a maquiadora oficial do grupo, resolveu usar azul, que, ao lado do dourado, era uma de suas cores da sorte. Mirela, que tinha sido Miss Santa Maria quando criança, vestiu uma jaqueta vermelha de parar o trânsito. Já Gilmar optou por um pretinho básico com transparência no colo. (ibidem, p.92)

O trecho acima não é único momento em que é enfatizada a amizade entre as meninas. A autora expõe o carinho de “irmã” que Vitória tinha por Andri ao narrar o esforço da jovem Vitória - que morava em outra cidade - para se fazer presente no aniversário da amiga, que seria comemorado na boate.

Apesar da distância, a amizade entre Vitória e Andrielle foi mantida. Prova disso é que ela fizera questão de viajar para Santa Maria na quinta-feira, dia 24, debaixo de chuva e dirigindo sozinha pela primeira vez em uma BR, só para estar com Andri e as gurias na comemoração do aniversário da “mana”. (ibidem, p. 93-94)

Ao longo da narrativa, as quatro personagens principais apresentadas por Arbex têm, ao menos, um espaço de citação direta. O diálogo entre Ligiane e uma assistente social do hospital representa o drama humano enfrentado por uma mãe que se deparou com um equívoco do hospital que lhe dava esperanças com relação à sobrevivência da filha.

- Tu viste a tua filha? - perguntou a funcionária.
- Não, mas nos informaram que ela está no leito seis - respondeu Ligiane.
- Então, como é que tu sabes que ela está aqui?
- Porque informaram que ela foi atendida pela pneumologista - disse Ligiane. (ibidem, p. 86)
-

Na página seguinte, já é esclarecido por meio da fala do Flávio, pai de Andri, que tratava-se de um mal-entendido. A menina internada no leito seis era uma jovem com um nome e sobrenome muito semelhantes e, devido ao volumoso número de jovens chegando e saindo sem um controle do hospital, aconteceu a confusão.

As figuras paternas de Vitória e Andri, apesar das raras aparições na narrativa, também recebem um lugar de fala no capítulo. Ildo, pai de Vitória, ex-marido de Vanda, aparece em um diálogo com a filha, que representa os momentos vividos antes do incêndio e a relação carinhosa entre pai e filha.

- Paizinho, cheguei em Santa Maria - anunciou Vitória, surpreendendo Ildo, que continuara morando em Santa Maria.
Sem mala, ela pediu ao pai, por telefone, que ele procurasse o sapato preto de salto alto que havia comprado recentemente e que esquecera na casa dele.
- Ele está aí, pai?
- Eu não usei, filha - disse Ildo, rindo. (ibidem, p.94)

Neste capítulo, as cinco vítimas da kiss deixaram de ser somente estatística, em que ganharam nome, voz e visibilidade. As mães e pais das vítimas, deixaram de ser somente mais uma pessoa de luto, mais um que perdeu alguém na Kiss. O intuito da autora foi dar visibilidade aos relatos de pessoas comuns que antes não tiveram a oportunidade de se

manifestar. Arbex proporcionou a estas famílias um espaço de fala, em que elas relatam suas experiências traumáticas e revelam a tragédia pelo olhar das famílias.

5.2.4 Resgate da memória:

Trazer à tona novos detalhes de uma história ou uma nova versão de um fato que corresponde ao passado, é uma forma de resgatar a memória. Pode-se dizer que toda obra *Todo dia a mesma noite* é um resgate da memória, mas para ilustrar foram selecionados alguns trechos. Na página 90, a autora representa em uma frase a dor coletiva e resgata a memória de uma comunidade que nunca vai esquecer o que foi presenciado naquela madrugada. “O peso de cada corpo ficaria marcado para sempre na memória dessas pessoas” (ARBEX, 2018, p.90) A jornalista se refere ao doloroso trabalho de carregar os corpos das vítimas do veículo de transporte para dentro do ginásio.

A manutenção da memória também aparece com mais vigor na página final do capítulo, que relembra o momento em que se encerram as buscas nos hospitais pelas meninas desaparecidas e a única alternativa que restou foi buscar entre os mortos. “Era hora de ir para o Centro Desportivo Municipal, enfrentar o pior medo de qualquer mãe.” (ibidem, p.96) A frase dita por Arbex é carregada de dor e esgotamento emocional. Revela o quanto as mães lutaram contra a ida ao Farrezão.

Relembrar quem eram aquelas pessoas atingidas pela tragédia e contar suas histórias de vida faz parte do resgate da memória. “A menina, que no princípio da adolescência brincava de beijar os peixes que pescava com o pai no rio Ibicuí, na Colônia de São Lucas, para transformá-los em príncipes encantados.” (ibidem, p. 93) Este trecho refere-se à infância de Andrielle Righi. São lembranças que fazem parte do seu passado, mas que ajudam a contextualizar o presente.

- Filha, te cuida - pedia Ligiane.
- Mãe, sabe o que eu descobri? Que quando uma mãe diz “te cuida” para a filha ela quer dizer “eu te amo”.
- Então te cuida! (ibidem, p.92)

O diálogo diz muito sobre mãe e filha. Representa zelo, cuidado, amor. Além de servir para contextualizar, Daniela quis eternizar os momentos bons vividos por elas.

5.2.5 Escolha das fontes:

Entrevistas inéditas com fontes fundamentais foram realizadas para recontar a tragédia da Kiss com novos detalhes. Neste capítulo, foram ouvidas as mães de algumas vítimas, como Ligiane Righi e Vanda Dacorso, tratadas pela autora como fontes principais. A narrativa contou também com fontes secundárias, como os pais Ildo e Flávio, Fani - mãe da vítima Flavinha e a profissional Liliane, que também foi ouvida por Arbex, apesar da personagem não aparecer em forma de citação direta neste capítulo. Todas as fontes foram criteriosamente selecionadas em prol da construção de uma narrativa humanizada que expõe a tragédia por meio das vivências daqueles que ficaram para contar: os familiares. Outras pessoas, como assistente social, as amigas Mirela e Gilmara são mencionadas durante a narrativa com o objetivo da contextualização, no entanto não são consideradas fontes porque não foram ouvidas por Arbex. Esses nomes apareceram nos relatos das fontes. Já as informações sobre Gainor - avó de Andri, não se sabe se foram obtidas diretamente com ela ou por meio de Ligiane Righi.

Arbex expõe uma situação de angústia e aflição vivida por Vanda, em que a mãe sente-se agoniada em decorrência das buscas fracassadas.

- Tu vais ter que me responder uma coisa: eu sei que muitas das crianças trazidas para cá foram transferidas para outros hospitais sem a autorização de pai e de mãe, em função da urgência. Mas eu quero ter acesso às informações, porque até agora eu não consegui encontrar a minha filha.

A mulher olhou para Vanda por uns instantes, penalizada, respondeu em seguida:

- Eu vou precisar te dizer uma coisa: infelizmente, foram levadas e levadas de jovens que chegaram aqui. Eu não sei como me referir de outra forma, porque foram levadas e levadas. Teve uma leva de jovens trazidos para cá, os primeiros a serem atendidos, que também foram os primeiros a entrarem em óbito no hospital. Nós perdemos um pouco desse controle, porque não havia como fazer muitos registros. Estão levando os corpos direto para o Centro Desportivo Municipal. Eu não sei como está sendo organizado, mas tu tens que pensar nessa possibilidade. (ibidem, p.95)

Escolher as fontes que irão acrescentar ao trabalho jornalístico faz também parte do processo de produção que traz à tona o não dito. Esse aspecto se manifesta nos diálogos, que revelam o que foi ocultado ou silenciado pela mídia diária. Pessoas que antes não tiveram a oportunidade de se manifestar, agora têm voz. O pai de Andrielle Righi também aparece na figura de um homem desesperado que procura por sua filha pelos corredores do hospital, seguindo a falsa informação de que a menina estaria no leito 6. Porém, suas esperanças logo foram arrancadas, pois ao encontrar a menina internada no leito 6 identifica que não trata-se da sua filha e sim de uma outra jovem com um nome muito semelhante: “Adrielle Roth”.

Flávio correu pelo labirinto de passagens dentro do Caridade. Desceu três lanços de escada, pegou o elevador, andou pelo extenso corredor em busca do setor para onde disseram que a filha havia sido levada.

- Leito um, dois, três - enumerava em voz alta.

Quando avistou o leito seis, Flávio sentiu o coração disparar.

- Graças a Deus - disse, tocando o ombro da menina.

Ao olhar de perto, no entanto, percebeu que a paciente não era sua filha. Tudo havia voltado à estaca zero. (ibidem, p. 88)

As fontes que passaram despercebidas ou consideradas irrelevantes por outras mídias, Arbex recrutou para construção de uma narrativa que prioriza o inédito. Uma nova versão mais atenta aos detalhes e mais humana.

5.3. “QUANDO A POLÍTICA VEM NA FRENTE DA DOR”

Esse capítulo retrata a priorização de interesses vindos de alguns políticos locais, estaduais e até federais. O título se refere, principalmente, ao fato de alguns políticos acessarem o ginásio Farrezão antes dos pais que aguardavam para o reconhecimento dos corpos. Apenas a Presidente da República daquele período, Dilma Rousseff, aguardou do lado de fora junto com os familiares. Os contornos políticos em torno do episódio foram expostos por Arbex durante o capítulo, em que o desrespeito, a falta de humanidade e irresponsabilidade foram trazidos à tona. Políticos e funcionários de uma funerária fotografaram as vítimas colocadas sobre uma lona no ginásio Farrezão. É retratado também que a curiosidade e interesses individuais motivaram muitos políticos a estarem presentes naquele domingo e não a solidariedade em meio à dor coletiva. Ganha ênfase na narrativa o duro trabalho de descarregamento e organização dos corpos por parte das profissionais de saúde Liliane e Márcia. O trabalho de coleta de material para necropsia e a identificação da causa da morte também é abordado neste capítulo.

5.3.1 Criação de cenários:

Na página 98, Arbex forma um cenário ao descrever como os corpos das vítimas foram organizados dentro do ginásio para posteriormente serem identificados pelas famílias. A autora detalha a posição dos corpos no chão, quais cores faziam parte daquele cenário e quais elementos eram visualizados no ambiente.

Após serem retirados do caminhão, os jovens foram enfileirados no Ginásio Esportivo Professora Gisele Borin (dentro do CDM), cujo chão fora recoberto de luto - uma lona preta sobre o piso azul e laranja da quadra de futebol de salão. Em cima dela, homens foram colocados à direita da porta de entrada, e as mulheres ficaram à esquerda. Quando o portão de ferro foi fechado, os 750 metros quadrados de área do ginásio estavam tomados por corpos dispostos em três fileiras de cada lado. (ARBEX, 2018, p.98)

Além do cenário em si, a autora descreve o clima, cheiros e as sensações de quem estava no local à serviço no domingo que se sucedeu à tragédia, causando nos leitores um efeito de real e não só de imaginário.

Era meio-dia e o calor beirava o insuportável dentro do ginásio coberto por telha de amianto. O odor dentro do prédio causava repulsa. O suor dos profissionais da área da saúde se misturou ao cheiro de urina, fezes e objetos queimados, causando um impacto profundo em quem estava dentro da quadra, transformada em local de coleta de material biológico retirado dos cadáveres. (ibidem, p.101)

Também foi detalhado pela autora as condições que se apresentavam os jovens ali posicionados para o reconhecimento das famílias. “Todas estavam maquiadas e a maioria, com os cabelos escovados.” (ibidem, p. 100) A produção visual das meninas, descrita por Arbex, dificultou a identificação e a comparação com fotos rotineiras de documentos. Além disso, o trabalho de identificação por parte dos profissionais se tornava mais difícil entre as mulheres, pois poucas delas portavam documentos. O aspecto físico dos jovens colocados na lona do ginásio - também foi detalhado por Arbex - , revela a possível causa de tantas mortes: asfixia e envenenamento.

No caso dos rapazes, poucos tinham lesões no corpo. Um ou outro apresentava ferimento profundo nas pernas provocado certamente por saltos femininos, e só um estava carbonizado. A situação das mulheres, no entanto, era diferente. Elas se machucaram mais durante o tumulto. (ibidem, p. 100)

Alguns trechos descrevem o cenário e mencionam fatos que contribuem para a compreensão do que a tragédia significou para as famílias que perderam alguém e quão desesperados estavam na busca por notícias. “Celulares, documentos, chaves e carteiras foram depositados em pequenos sacos azuis de plástico em cima dos corpos” (ibidem, p.101) Os celulares tocando sem parar representavam a angústia das mães que ainda não tinham notícias de seus filhos.

Ali os celulares ainda tocavam freneticamente.
Doutor, veja isso - apontou Márcia, indicando um aparelho que já tinha 134 chamadas não atendidas com o nome “mãe”. (ibidem, p.101)

A criação de cenários e a descrição detalhada de tudo que foi vivido - relatado pelas fontes - neste capítulo, serve para contextualizar a tragédia pelo viés dos que trabalharam junto às vítimas naquele domingo. Retrata a tristeza, a dureza do trabalho e a indignação de alguns profissionais a respeito de atitudes indignas e de desrespeito com as vítimas e suas famílias.

5.3.2 Descrição de sentimentos humanos:

A autora deu voz aos profissionais de saúde, a fim de esclarecer como se deu os fatos e o principal: descrever o sentimento daqueles que presenciaram de perto a tragédia e precisaram superar seus limites para atuar naquele ginásio junto às vítimas. Liliane, personagem central no capítulo, esboça sentimentos e emoções que são pontuados por Arbex no decorrer do texto. É marcante o trecho que um funcionário de uma das funerárias - que prestava serviço no domingo, tira fotos de uma menina seminua no chão. Revolta e indignação são sentimentos que definem a personagem naquele momento. A expressão “cega de revolta” (ARBEX, 2018, p.102), que também se utiliza de uma metáfora, indica o sentimento da capitã Liliane ao perceber o *flash* vindo do celular do sujeito. Arbex também cita o sentimento das famílias que aguardavam do lado de fora do ginásio o momento de descobrir se alguém querido estava lá dentro. “Alheios à movimentação política, os familiares ainda não tinham confirmado a morte das 233 vítimas, e a incerteza tornava mais dramática a espera por notícias.” (ibidem, p. 106) Logo a seguir, a autora volta a mencionar o sentimento dos profissionais da saúde, que perceberem a má intenção de alguns políticos que estavam ali apenas por curiosidade. “Deixando indignados os grupos de profissionais que corriam contra o tempo para devolver aquelas pessoas às suas famílias.” (ibidem, p. 106)

A dor coletiva foi evidenciada pela autora em diversos momentos durante a narrativa, mas alguns trechos deixam mais explícito o sofrimento de todas as pessoas que, de alguma forma, foram atingidos pela tragédia. “E, naquela manhã dolorosa, a análise dos cadáveres confirmava o que já se percebia nos hospitais: o alto grau de toxicidade da fumaça aspirada matara mais de duas centenas de pessoas sem dar tempo de socorro.” (ibidem, p. 104) A frase esboça o quão avassalador foi o incêndio e a dor que o episódio deixou naqueles que ficaram.

O sofrimento alheio que deveria gerar comoção, em algumas pessoas - como dito por Arbex - foi palco para atitudes vergonhosas de políticos e poderes da sociedade. “Ignorando a dor de todas aquelas pessoas, autoridades e comitivas tiveram acesso ao ginásio, liberado antes da entrada dos pais. E nem todos mantiveram uma postura respeitosa diante dos cadáveres” (ibidem, p.106) Daniela Arbex a todo momento se posiciona de forma respeitosa diante das fontes e seu sofrimento.

5.3.3 Valorização de personagens:

De acordo com Ijuim (2012) humanizar o relato significa “Tratar a pessoa mais que uma fonte, mas como personagem de uma história” (p.133) Neste capítulo, - assim como em outros, a autora transforma pessoas comuns em personagens do relato. Arbex reforça a figura de liderança da personagem Liliane, bem como sua postura firme apesar do caos que presenciava. Trata-se de uma personagem guia do capítulo.

- Tu vens pra cá conosco!
O chamado da capitã da brigada Liliane pegou Márcia Dias Vianna, 48 anos, de surpresa. Antes das oito da manhã de domingo, a enfermeira da Secretaria Municipal de Saúde já estava no pátio do Centro Desportivo, para ajudar a montar grupos de trabalho de urgência e emergência que auxiliariam no apoio aos familiares que haviam perdido parentes na Kiss. (ARBEX, 2018, p. 97)

O trecho representa o trabalho de Liliane como figura de líder, que organizou os trabalhos e recrutou os profissionais necessários para a difícil missão com as vítimas no ginásio. O respeito pelo trabalho de Liliane, que os demais profissionais - mesmo que acima na escala da hierarquia -, tinham naquele dia, é expresso no seguinte diálogo.

Quando a comitiva deixou o ginásio, um homem fardado se apresentou à capitã da brigada [...] Liliane se colocou em posição de sentido, mas foi liberada por ele.
- Prazer, major, sou Liliane, capitã da brigada militar. O senhor gostaria de assumir os trabalhos aqui?
- De forma nenhuma. Vim aqui para te obedecer. A técnica és tu. Do que precisas neste momento? - perguntou o major Rodrigo de Almeida Paim. (ibidem, p.108)

A figura da capitã da Brigada Militar Liliane ganha destaque na narrativa, em que suas falas e ações demonstram revolta em torno de atitudes de desrespeito e falta de humanidade vindas de algumas pessoas que passaram pelo ginásio no domingo em que Santa Maria já vivia o luto por tantas perdas. Liliane ficou furiosa ao ver um jovem - funcionário de uma funerária -, tirando fotos de uma menina seminua enquanto ela coletava material para a análises posteriores.

Cega de revolta, largou o material da coleta e partiu para cima do sujeito:
- Tu vais quebrar meu braço - avisou o rapaz enquanto era imobilizado pela militar.
- Capitã, deixa ele comigo. A senhora apague todas as fotos que ele fez neste ginásio - afirmou um promotor que prometeu tomar providências.
- Eu só não vou quebrar esse teu celular porque eu não vou ser igual a ti. Mas a vontade que eu tenho é de quebrar esse aparelho na tua cara - declarou a militar, aos berros.
- Foi sem querer, foi sem querer - alegou o rapaz, tentando se livrar da responsabilidade de ter se aproveitado daquele momento terrível para fotografar uma jovem com os seios descobertos. (ibidem, p.102)
-

Márcia, ao lado de Liliane, também protagoniza o capítulo. Ela aparece por diversos momentos desempenhando a tarefa que lhe foi solicitada: descarregar os corpos das vítimas para o ginásio Farrezão.

O desejo de ajudar era tão grande que, no momento em que foi chamada pela capitã da brigada, Márcia nem perguntou que papel desempenharia. Como já conhecia a militar, a enfermeira simplesmente a seguiu. Quando se deu conta, porém, estava diante dos corpos das vítimas que ainda não tinham sido retirados do caminhão da brigada.

- Mas como eu faço isso?
- Eu também não sei - respondeu Liliane. - Puxa eles! (ibidem, p.98)

Entre diálogos e colocações da autora, a personagem Márcia vai sendo construída ao longo da narrativa como a figura de uma mulher forte, aguerrida e humana. A trajetória da protagonista é marcada pelo doloroso trabalho que desenvolveu, apesar de sentir os efeitos daquela função.

Ao olhar aquela devastação humana, Márcia parecia não acreditar no que seus olhos lhe mostravam. Era como se estivesse assistindo a um filme, embora todo aquele cenário fosse dramaticamente real. Apesar de haver muitos profissionais da saúde no Farrezão, pouquíssimos conseguiam ficar ali. (ibidem, p.99)

A frase “- Eu tenho medo” (ibidem, p.101) é o único momento em que Márcia parece frágil diante da situação, pois além de descarregar os corpos, precisou auxiliar na coleta de material para futuras análises. A frase confessa o medo que sentiu ao precisar retirar a urina da bexiga de uma das vítimas com uma seringa.

5.3.4 Resgate da memória:

A rememoração amplia e enriquece a visão sobre determinado episódio. A partir das ações de Márcia, a autora conseguiu representar a difícil missão que foi atuar naquele domingo em que Santa Maria chorava. O desgaste emocional, o choque e o desafio que foi executar aquele trabalho ficou marcado na história daqueles profissionais.

Márcia não teve tempo de pensar se estava preparada para aquela tarefa, apenas fez o que parecia inacreditável: ajudou a descarregar 233 corpos. Ao puxar os cadáveres pelos pés e pelas mãos, não tinha noção de quem levava para dentro do ginásio. Eram tantas as vítimas, que ela não conseguia mais fixar sua atenção nas características individuais, a não ser o olhar de pânico de um rapaz cuja imagem jamais esqueceria. (ARBEX, 2018, p. 98)

Muitos profissionais recrutados ou voluntários que se apresentaram no ginásio, não suportaram ficar no ambiente. Além dos médicos legistas e policiais civis, somente Liliane,

Márcia e duas oficiais da Brigada conseguiram permanecer no local o dia todo. “- Eu não consigo ficar aqui, não consigo. Parece que estou enxergando meus filhos - disse uma enfermeira que trabalhava ao lado de Márcia.” (ibidem, p.99) Logo adiante, na página 104 do mesmo capítulo, Arbex segue enfatizando o trabalho dos profissionais, desta vez, dos médicos legistas do Instituto Médico Legal (IML). Apesar do rotineiro trabalho, não ficaram imunes ao sofrimento.

O trabalho dos legistas junto às vítimas seguiu silencioso durante quase todo o período, mas, de tempos em tempos, podiam-se ouvir lamentos que quebravam a dureza da função. Nenhum mecanismo de proteção os isentou de chorar por Santa Maria e por tudo o que a soma das vítimas naquele ginásio representava: mais de 9 mil anos potenciais de vida perdidos, considerando-se a expectativa de vida do brasileiro. (ibidem, p.104)

Arbex narra os acontecimentos assumindo uma postura respeitosa, humana e sensível. Essa sensibilidade ao falar e relembrar um episódio que devastou Santa Maria também faz parte de um processo de resgate da memória. “Era preciso coragem para enxergar, além dos corpos, fragmentos de suas histórias. Cada pertence resgatado constituía a individualidade das vítimas, que assim recuperavam seu nome e conquistavam o direito de serem enterrados com dignidade.” (ibidem, p.99-100) Aqui, a autora se referia aos jovens que ali estavam estendidos. Eles tinham uma vida, uma história, uma família, uma identidade. Mas até aquele momento, ainda precisavam recuperar o direito de serem enterrados de forma digna. Arbex também utiliza de mecanismos de comparação, para evidenciar e registrar a devastação humana que a tragédia causou em Santa Maria. “Era como se um Boeing 787 tivesse caído sobre Santa Maria ou se quase cinco ônibus com cinquenta passageiros cada um se acidentasse ao mesmo tempo, matando todos a bordo” (ibidem, p. 103)

Todos os fatos narrados, todas as falas adicionadas, todas as entrevistas inseridas na construção desta história fazem parte do resgate da memória. A frase “a Kiss seria comparada a uma ratoeira, verdadeira armadilha para jovens que jamais desconfiariam que não estavam seguros” (ibidem, p.103) expressa a luta por justiça, visto que na boate havia diversas irregularidades cujos culpados seguem impunes. É uma tentativa de expressar que não se tratava de um episódio acidental e sim, uma tragédia que poderia ter sido evitada.

5.3.5 Escolha das fontes:

Fontes são pessoas ouvidas por Arbex que contribuem para a construção da narrativa. As fontes escolhidas para compor esse capítulo são: a capitã da Brigada Militar Liliane, a

enfermeira Márcia e o médico legista Áureo Felipe Norberto Duarte. Nota-se que, mesmo que apareça em citações diretas, o major Rodrigo de Almeida Paim não pode ser considerado uma fonte ouvida por Arbex. Foi constatado que os diálogos e as informações a seu respeito foram colhidos por meio do relato da protagonista Liliane. Políticos vistos no ginásio durante o domingo que sucedeu à tragédia também foram mencionados por Arbex, como: Presidente Dilma Rousseff, Ministro da Saúde Alexandre Padilha, Governador do Estado do Rio Grande do Sul Tarso Genro, Chanceler da Alemanha Angela Merkel e a Ministra dos Direitos Humanos Maria do Rosário. Essas figuras foram citadas com o objetivo de contextualizar os contornos políticos diante do episódio, porém não são fontes. Mencionar onde estava e o que fazia a Presidente da República no Chile antes da notícia tragédia, foi importante para situar o leitor da repercussão do episódio e esclarecer o que a figura pública fez para colaborar com o povo Santamariense. Arbex construiu a narrativa com base nas notícias publicadas na época da tragédia.

Naquele domingo, no entanto, tão logo foi informada do desastre, a presidente do Brasil suspendeu os compromissos no Chile. Antes de embarcar de Santiago para Santa Maria, ela fez um pronunciamento na cidade chilena, lamentando a tragédia e garantindo que colocaria todo o *staff* do governo a serviço do povo gaúcho. (ARBEX, 2018, p. 105)

Apesar de Liliane e Márcia terem protagonizado o capítulo, para recriar as cenas e construir uma narrativa que prioriza a riqueza de detalhes e o ineditismo, Arbex utilizou-se também de fontes secundárias. Não menos importantes, as fontes secundárias auxiliaram na contextualização dos fatos. O médico legista Áureo, aparece como uma fonte que forneceu muitas informações em torno do trabalho dele e dos demais médicos no domingo da tragédia. No entanto, não aparece em citações diretas.

Para a realização de 233 necrópsias, uma força-tarefa foi montada pelo Instituto Geral de Perícias. Áureo Felipe Norberto Duarte que também é especializado em cirurgia geral, estava no Hospital de Caridade, onde se apresentara como voluntário, quando foi chamado por sua chefia para integrar o grupo de seis legistas que iniciaram os exames no ginásio. Ao longo da manhã, outros seis médicos de São Gabriel, Cruz Alta, Santiago e Porto Alegre se somaram ao grupo para o trabalho. (ibidem, p.103)

Liliane, como já mencionado anteriormente, foi uma fonte indispensável para retratar o doloroso trabalho dos profissionais da saúde. Junto de Márcia, as duas profissionais da saúde - tanto em citações, quanto em colocações da autora -, contextualizam com riqueza de detalhes o que foi vivido naquele domingo. Liliane conseguiu guiar uma equipe de profissionais mesmo sem ter certeza se aguentaria a dureza do trabalho.

5.4 “COM CHORO E SEM VELA”

O décimo capítulo do livro retrata como aconteceram os atos fúnebres das vítimas da tragédia, principalmente dos personagens já citados nos capítulos anteriores. Arbex narra o dilema das famílias enlutadas para conseguir caixão, vela, flor e cova para velarem seus mortos. Através de uma narrativa amplamente humana e sensível, a autora expõe a dor dos familiares, que além da perda, precisaram enfrentar o mercado inflacionado pelas funerárias. Neste capítulo em específico, é pontuado por Arbex momentos de ganância e solidariedade. Mas além de tudo, narra o oportunismo em meio a dor coletiva.

A partir das vivências daquelas famílias e do relato detalhado de Arbex os leitores conseguem visualizar como foi a despedida, o que significou o Adeus para eles e para toda a comunidade de Santa Maria. Cada relato, cada entrevista, cada colocação de Arbex, revela o sentimento dos familiares ao enterrar um ente querido. A autora pontua ainda, com indignação, a postura de alguns líderes religiosos que condenaram a família pela morte do filho e afirmaram que o episódio da tragédia tratava-se de um “castigo” de Deus por terem ido à boate.

5.4.1 Criação de cenários:

Todos os cenários descritos por Arbex no capítulo, enfatizam o local de despedida das famílias, onde aconteceram os atos fúnebres e os enterros. Toda a sensibilidade da autora é manifestada ao compor as ambiências que formam cenário para a dor das famílias e da comunidade.

Foi então que atravessou a cidade em direção à igreja São Marcos, no bairro João Goulart, onde Flavinha e Andri estavam sendo veladas. Quando entrou no salão e viu os dois caixões, pensou que não tinha perdido só Vitória, mas as filhas postiças, já que as meninas também compartilhavam com Vanda seus segredos, experiências e desejos. (ARBEX, 2018, p. 153)

Além de enfatizar o cenário que Vanda encontrou ao entrar no local, a autora também enfatiza a dor de mais duas perdas inesperadas. Representa o quanto as amigas de Vitória eram próximas de Vanda. Ainda na mesma página, a autora descreve a personagem Ligiane como uma pessoa com o emocional fortemente abalado, em que alternava entre momentos de lucidez e momentos de insanidade. É descrito brevemente o cenário em que Ligiane pede a filha - já no caixão - para que retornasse à vida. “Ao lado do caixão de Andrielle, Ligiane conversava com ela: “- Filha, acorda - pedia.” (ibidem, p.153)

Novamente, de modo a expor a cena dos velórios, Arbex menciona como estava o caixão de Gilmara - uma das cinco amigas de Andri. “Das cinco gurias que foram juntas à boate, Gilmara era a única que estava com o caixão fechado no salão paroquial da igreja do Rosário” (ibidem, p. 153) Na página 154, Arbex não economiza na descrição ao mencionar o velório de Lucas, que aconteceu regado de muita dor e respeito a umas das paixões do jovem: o tradicionalismo.

Em cima do caixão dele, os pais colocaram seu chapéu preto favorito e a bandeira do Rio Grande do Sul, que para Lucas não era apenas um símbolo, e sim um manto. Yasmim Müller, namorada de Lucas, ficou o tempo todo ao lado do caixão. Muito emocionada pôs o chapéu preto na cabeça, apoiando o rosto entre as mãos em cima da urna funerária. (ibidem, p.154)

Ainda sobre Lucas, a autora fala sobre as características físicas do corpo do jovem e o forte odor que exalava no ambiente. “Já era madrugada de segunda-feira quando Marise notou que o nariz do filho escorria sangue e também um líquido preto.” (ibidem, p. 155) Livia Oliveira, mãe de Heitor, aparece logo a seguir e Daniela descreve o cenário que ela encontra ao pisar na igreja onde, posteriormente, iria velar o seu único filho. “Livia Oliveira entrou na capela do Colégio Santa Maria, mas o corpo de Heitor ainda não havia sido levado para lá. Em profundo silêncio, ela correu os olhos pelo lugar. No teto da capela estava escrito um verso do Salmo 23: ‘O senhor é Meu pastor, e nada me faltará’ ” (ibidem, p. 157) O trecho representa dor, vazio e ausência. Na última página, a autora traz elementos que constroem o cenário de despedida de Silvinho, filho caçula dos são-pedrenses Marta e Sílvio. A descrição enfatiza a personalidade de Silvinho, jovem que, assim como Lucas, cultivava as tradições do Rio Grande.

Em cima do caixão de Silvinho estava a espada que ele havia comprado antes no Uruguai, uma relíquia que usou no desfile de 20 de setembro de 2012, quando se categorizou de caudilho no Dia do Gaúcho. A gaita que sempre acompanhava nas festas do sítio onde morava também estava lá. (ibidem, p. 159)

Os cenários construídos por Arbex neste capítulo servem para contextualizar os momentos de sofrimento vividos pelas famílias durante a dolorosa despedida. Mencionar que uma mãe não queria que a “filha ficasse nem mais um minuto” (ibidem, p. 151) no ginásio Farrezão e a urgência em levá-la para ser velada em outro local, revela sobre o que o ambiente representava para aquelas famílias: abandono, dor, vazio e falta de aconchego. O desejo daquelas mães era de proporcionar uma despedida digna para seus filhos. Neste capítulo, vários outros locais de velório e sepultamento são citados por Arbex, porém essas menções acontecem com pouca ou nula descrição.

5.4.2 Descrição de sentimentos humanos:

A descrição de sentimentos e emoções como recurso de humanização do relato é predominante no capítulo. Narrar e descrever os sentimentos humanos ampliam a visão e auxiliam na construção do personagem. Além disso, a descrição dos sentimentos é indispensável ao narrar acontecimentos trágicos como o que aconteceu na Kiss. A dimensão da tragédia humana vai sendo exposta ao compreendermos como se sentiram as pessoas mais afetadas pelo incêndio: os familiares. Todo o capítulo descreve o drama do luto, de se deparar com o oportunismo das empresas funerárias, da falta de recursos para um sepultamento digno e a falta de empatia por parte de algumas pessoas. “Para além do desastre cuja dor coletiva parou o Brasil na semana que se seguiu ao episódio, existia um drama gigantesco de uma comunidade que viu faltar caixão, vela, flor e cova para os seus entes queridos.” (ARBEX, 2018, p. 149) Logo a seguir, na página 150, Arbex se refere novamente a dor e o sofrimento das famílias que perderam alguém na boate como “devastação emocional”. (ibidem, p.150) Com estas palavras a autora também enfatiza o sentimento dos familiares que, além de estarem sofrendo pela perda de alguém, ainda precisaram enfrentar situações de oportunismo.

Em específico, é descrito o sentimento de Vanda - mãe de Vitória, ao se deparar com o mercado funerário com preços exorbitantes, circunstância que aumentava o sofrimento. “Se a constatação da morte da filha caçula já era um martírio, Vanda ainda teria que enfrentar o comércio da tragédia” (ibidem, p.150) A palavra “martírio” faz referência à dor da perda que torturava as famílias. Enquanto velava sua filha Vitória, Vanda percebeu que as amigas de sua filha também haviam falecido. Esse sentimento é mencionado por Arbex, como “um novo baque” (p.153) que desestabilizou o emocional da mãe novamente. A sobrevivente Yasmim Müller, namorada de Lucas, se emocionou ao se deparar com o caixão do amado. A atitude de pôr o chapéu preferido do rapaz e se debruçar sobre o caixão foi uma cena que repercutiu o mundo e foi estampada na capa da revista *Veja* naquele período. Com a frase “muito emocionada” (ibidem, p.154) o leitor compreende a dimensão da dor da perda e como o luto foi vivido.

A cena de Marise, ao enterrar o filho Lucas, também foi descrita por Arbex, bem como os sentimentos que apresentava naquele momento. A emoção e a tristeza transbordavam, mas apesar de tanta dor a mãe não conseguiu manifestar isso em lágrimas. “Marise não conseguiu chorar naquele momento, nem terminar de cantar a música de Roberto Carlos. Seus olhos transbordavam tristeza. Sentia-se completamente vazia.” (ibidem, p.155) É muito visível os

sentimentos humanos manifestados nessa frase. A mãe ficou “sem chão” e sem estrutura para seguir. A dor tomou conta do seu ser, sentia o vazio que a morte deixou.

Além da tristeza - que aparece muitas vezes no capítulo -, a mágoa e a decepção também surgem ao longo da narrativa para ilustrar uma situação específica vivida pelos pais de Augusto, Cida e César. Não sendo suficiente a dor da perda do filho, a família ainda precisou ouvir acusações vindas de um líder religioso que insinuava a morte como “castigo divino”. Apesar de César ter tentando evitar que Cida fosse machucada com tal acusação, logo o pregador trouxe à público seu discurso de ódio e o sentimento da mãe foi descrito por Arbex. “Cida estava ferida demais para reagir” (ibidem, p.156) A escritora não se referia a ferimentos físicos e sim, emocionais. Logo a seguir, o sentimento de surpresa também é mencionado, fazendo relação com a falta de empatia do pastor.

Mas, pouco tempo depois, foi surpreendida por uma nova advertência.

- Irmã, tu não deverias estar chorando, pois desobedeceu a Deus. Se Ele não te deu um filho natural, porque tu foste teimar em adotar? (ibidem, p.156)

Para finalizar a representação de dor e a decepção da Cida, a autora utiliza-se do seguinte trecho. “A partir daquele instante, Cida sentiu-se abandonada por homens que pregavam “amor”, mas só conseguiam falar em ódio e “vingança divina”. Estava profundamente decepcionada.” (ibidem, p.157) Mesmo que pareça improvável, sentimentos como felicidade também aparecem durante a narrativa e servem para contextualizar a gratidão de uma mãe por viver tantos anos ao lado do filho. Essa história é de Lívia, mãe de Heitor. É narrado o momento em que Lívia é surpresa pela presença do pai de Heitor no velório. Ao perceber o aspecto abatido do pai que renegou o filho e o arrependimento por não tê-lo conhecido de fato fez com que Lívia agradecesse pelos momentos que aproveitou a presença do filho. “Lívia sentiu-se feliz por ter aproveitado todas as chances de estar com o filho” (ibidem, p. 158) A tristeza no rosto do pai arrependido é descrita por Arbex, quando ela menciona “Quando entrou na capela o pai do jovem tinha o rosto transformado. Chorando muito, ele se abraçou ao caixão.” (ibidem, p.158) Todas as menções que Daniela faz aos sentimentos humanos servem para construir uma narrativa marcada pela dor e pelo sofrimento de muitas pessoas. É uma forma de contextualizar e gerar comoção. Mostrar a realidade pela ótica da sensibilidade e do humanismo.

5.4.3 Valorização de personagens:

Uma das primeiras personagens que ganha destaque na narrativa é, novamente, Vanda Dacorso - mãe de Vitória. Entre citações diretas e colocações da autora, a personagem vai sendo construída como uma figura materna, que além de enfrentar a dor da perda, precisou lidar com o comércio funerário oportunista. Vanda recebeu significativo lugar de fala neste capítulo, em que a partir de alguns diálogos, suas convicções, pensamentos e personalidade foram sendo evidenciadas.

- Meu filho, se houvesse uma urna de ouro e ela trouxesse a minha filha de volta, eu já teria comprado. Mas nada disso fará com que ela viva novamente. Vocês são um bando de exploradores - desabafou, embora soubesse que a responsabilidade por aqueles preços aviltantes não era do empregado, mas de seu empregador. (ARBEX, 2018, p. 151)

A fala de Vanda faz parte de uma conversação que envolvia o empregado da funerária e seu ex-marido Ildo. Diante do olhar de recriminação do funcionário que vendia os caixões, a mãe se indignou. De forma sequencial, a autora segue narrando e evidenciando as ações de Vanda em torno da organização dos atos fúnebres.

Após comprar o caixão de R\$ 1.800, Vanda precisava encontrar um lugar para velar a filha. Uma “carneira” (túmulo) nova saía por R\$ 6.500. Embora a prefeitura tivesse disponibilizado o ginásio do Centro Desportivo Municipal para a realização dos velórios coletivos, ela não queria que Vitória ficasse naquele lugar nem mais um minuto.

Através dessa perspectiva, construída a partir da protagonista Vanda, o leitor é situado de como é perder alguém de forma trágica e ainda ter que se envolver com o velório e sepultamento. A perda se torna ainda mais dramática quando se tem poucas condições financeiras.

A falta de caixão e demais materiais necessários para a realização de um velório em Santa Maria foi uma questão abordada por Arbex durante a narrativa. Essa escassez é exposta por meio das experiências de outra personagem: Ligiane, mãe de Andri. “Conseguiram comprar uma urna porque o cunhado da doceira já tinha trabalhado em uma funerária e recorreu à ajuda de amigos.” (ibidem, p.151) A frase atribui profissão à personagem e revela a dificuldade em conseguir caixão devido à demanda inesperada.

Marise, mãe de Lucas - também morto na Kiss, aparece com bastante destaque, em que toda a cena do velório e sepultamento é narrado por Arbex. A figura do filho Lucas também foi construída a partir de composição do cenário que revela sua identidade. “Em cima do caixão dele, os pais colocaram seu chapéu preto favorito e a bandeira do Rio Grande do Sul, que para Lucas não era apenas um símbolo, e sim um manto.” (ibidem, 154) A namorada de Lucas,

Yasmim, também aparece como personagem, em que Daniela pontua suas ações e sua aparência no dia do velório. “Foi Yasmim quem, 24 horas antes de chorar sobre o corpo do Lucas, fizera as próprias unhas na casa de Marise para comemorar o seu aniversário na boate.” (ibidem, p.155) A história de Cida e Natalício, pais de Augusto - filho adotivo do casal, também foram visibilizadas por Arbex. É enfatizado o drama do casal, que precisou ouvir absurdos de um líder religioso, apesar de toda dor que já sentiam. Arbex enfatiza o quanto a família estava decepcionada, principalmente Cida, que depositava confiança no sujeito. Este pregador da igreja, mencionado na narrativa, se torna também um personagem pela visibilidade - mesmo que negativa - que recebe e pelo seu lugar de fala. “ - Vocês não deveriam estar chorando, pois o Augusto não gostava de vocês. Se gostasse realmente, ele não lhes teria desobedecido e ido à boate - declarou o pregador” (ibidem, p.156)

Transformar uma fonte em personagem significa que Arbex não só ouviu, como deu voz a pessoas invisíveis. Receber um lugar de fala é ganhar visibilidade. Apesar de todo o capítulo englobar o tema despedida, a autora foi dividindo-o por histórias. Cada história é sobre uma família e como procederam com os atos fúnebres. As personagens Ligiane e Vanda aparecem novamente na página 152. Vanda, sem assimilar tudo que estava acontecendo, não se deu conta que as amigas de Vitória também haviam falecido na boate. O diálogo a seguir, representa a preocupação de Ligiane em prestar solidariedade a outras mães, mesmo sem ter condições físicas e emocionais para cuidar de si mesma.

Na madrugada de segunda-feira, no velório da filha, Vanda recebeu um recado:

- A Ligiane está atrás de ti. Ela veio aqui se despedir da Vitória, mas passou mal e foi embora. Quer te ver.
- Quem é Ligiane: - perguntou Vanda, atordoada.
- A mãe de Andri - disse um conhecido. (ibidem, p.152-153)

A personagem Ligiane é construída como a figura de uma mulher solidária, bondosa e humana. Naquele momento de despedida, a dor era coletiva. Ligiane fez questão de ver pela última vez todas as amigas de Andri, “só não conseguiu despedir-se de Mirela Rosa da Cruz, que foi velada ao lado do irmão, José Manuel” (ibidem, p.153)

Lívia, considerada uma das personagens principais do capítulo, é enfatizada pela autora como a figura de uma mulher de crenças espirituais. “Precisava de forças para passar por aquele ritual de despedida, mesmo não vendo a morte como o fim da vida.” (ibidem, p. 157) Arbex se preocupou em elevar os seres humanos a uma condição de personagem. De acordo com Ijuim (2012), no jornalismo humanizado o ser humano é ponto de partida e de chegada no relato. Essa preocupação “começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista.” (p. 133). O casal Marta e Sílvio Bauren e seu filho Silvinho não são considerados personagens

também, porém secundários. Arbex, em apenas dois parágrafos, conta sobre o velório de Silvinho. Neste caso, a ênfase da história é para a funcionária do casal Livia, que também perdeu o filho na Kiss e precisou se dividir entre dois velórios.

5.4.4 Resgate da memória:

O capítulo é um resgate da memória por lembrar as dores, o sofrimento, a tragédia em si. O jornalismo humanizado, em sua forma de rememoração, é uma habilidade de contar histórias que ultrapassam as barreiras do tempo. É revisitar a mesma história com novos detalhes e uma nova perspectiva. Arbex, na primeira página, usa as estatísticas - o que não é característico do jornalismo humanizado, para mencionar a quantidade de mortos na Kiss e onde viviam. Ao mesmo tempo, ela usa da sensibilidade ao mencionar esses números. A metáfora “jogo de palavras” é uma forma de dramatizar a narrativa.

Apesar de quinze dos 32 municípios que integram a microrregião de Santa Maria terem sido afetados pelas mortes no incêndio, a tragédia na Kiss acertou em cheio o Coração do Rio Grande, já que mais de cem das 233 vítimas iniciais eram santamarienses. Outras nove morreriam depois nos hospitais de Porto Alegre, atingindo o número de 242. Dizer que ninguém estava preparado para um evento dessa natureza é mais do que um jogo de palavras, é uma afirmação literal. (ARBEX, 2018, p. 149)

Na página 150, Arbex relembra a falta de mantimentos, como, por exemplo, água mineral natural. Mas também enfatiza que naquele domingo de tragédia o povo de Santa Maria se uniu em solidariedade, em que um mutirão que distribuía alimento e suco foi formado. “Os familiares das vítimas testemunharam o melhor e o pior do ser humano em uma noite que até a água mineral esgotou na cidade, apesar do mutirão feito por moradores” (ibidem, p. 150) Ainda na mesma página, quando Arbex enfatiza que naquele dia as famílias conheceram o pior lado do ser humano, a autora se refere ao oportunismo de algumas empresas funerárias, que se aproveitaram da situação para subir os preços. Todo esse drama em torno do oportunismo aparece por meio do caso da família de Vitória que, no seu pior momento, ainda se depararam com um mercado inflacionado.

No decorrer das páginas, alguns velórios como o de Silvinho, Vitória, Andri, Flavinha, Gilmara, Lucas, Augusto e Heitor foram mencionados para resgatar as memórias de dor daquelas famílias e de muitas outras. Os rituais de despedidas foram descritos para contextualizar os fatos vividos e agregar valor e significado à dor das famílias. O capítulo do livro, além de apresentar um viés reflexivo acerca dos acontecimentos, também “se apresenta como uma forma de reinterpretar o passado e trazê-lo presente para a constituição da memória coletiva.” (SANGALETTI E BISOL, 2018, p.127) Resgatar a memória é voltar a falar sobre o

que passou, quem eram as pessoas no passado, como viviam. Na própria narrativa, Arbex menciona fatos do passado (antes da Kiss), para contextualizar o presente (nos dias do incêndio). A personagem Livia relembra momentos vividos com seu filho Heitor, que a fez refletir sobre o quão especial ele era.

Enquanto esperava, lembrou-se de uma das conversas que manteve com Heitor sobre a flor-do-campo, uma das preferidas dele, embora não conseguisse entender o porquê.

- Filho, como tu podes gostar tanto assim de uma flor-do-campo? Ela nem tem cheiro!

- Mãe, é que tu nunca sentiste a flor-do-campo. Tu nunca cheiraste a flor do campo com o coração. Tu vais perceber que ela tem cheiro de mel. (ibidem, p.157)

A lembrança da consultora ótica faz o leitor conhecer o personagem Heitor. O trecho expressa a personalidade de Heitor: um jovem dócil, sensível e observador. Resgatar a memória é tornar relevante mesmo que o assunto pertença ao tempo passado, como o caso da Kiss. Para tornar o assunto relevante socialmente no tempo presente, é preciso trazer novos detalhes em torno da mesma história, como fez Arbex na obra *Todo dia a mesma noite*. Cada página deste capítulo traz novos detalhes para essa história, como por exemplo, na página 156, o fato dos pais Cida e César serem repreendidos na igreja quadrangular por estarem sofrendo pela morte do filho. A narrativa de Arbex é diferente de tudo que já havia sido veiculado na mídia diária. É uma nova perspectiva em torno do mesmo fato, que permite aos leitores uma viagem de volta ao dia 27 de janeiro de 2013.

5.4.5 Escolha das fontes:

Além das protagonistas e personagens secundários mencionados na categoria anterior “Valorização de personagens”, é identificado no capítulo a escolha de algumas fontes que não foram colocadas em uma posição de personagem por Arbex. Uma delas é a fonte Homero Pinto de Bairro. Sua história foi contada em poucas linhas, mas com o texto carregado de informações sobre o fato de Homero não conseguir a quantidade de urnas suficientes para enterrar seus entes queridos. “O motorista autônomo Homero Pinto de Bairro, que perdeu as duas filhas e dois genros, só conseguiu comprar um caixão, embora precisasse de dois.” (ARBEX, 2018, p. 151) Nesta análise, o motorista foi considerado apenas fonte, pois apesar das vivências dramáticas e necessárias para a contextualização dos fatos, não foi construído um personagem durante a narrativa. O caso de Homero foi citado por Arbex para ilustrar a falta de urnas na cidade e de lugares disponíveis para que o velório fosse realizado.

Marta e Sílvio, apesar de surgirem na narrativa como personagens secundários, também são fontes, pois forneceram algumas informações em torno das homenagens feitas ao filho na fazenda onde moravam.

Naquela segunda-feira, enquanto Silvinho era enterrado, os vizinhos do sítio de sua família realizavam um mutirão para dar andamento ao que o jovem havia iniciado: o cultivo da lavoura para colheita de arroz que havia plantado. Seguiram o projeto definido anteriormente pelo rapaz. Com trator e pá, eles entraram na plantação. Não deixariam o sonho dele morrer também. (ibidem, p.159)

O trecho revela informações que só a família poderia relatar. Trata-se de fontes importantes para que Arbex conseguisse contar essa história com riqueza de detalhes. Alguns personagens certamente são fontes, como, por exemplo Lúvia, Vanda e Ligiane. São personagens enfatizados na narrativa, mas que foram fontes essenciais de informação para que este capítulo fosse construído.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise, chegou-se a algumas conclusões a respeito dos aspectos que humanizam o texto de Daniela Arbex no livro *Todo dia a mesma noite* e o papel social do jornalismo humanizado presente em livros-reportagem. Concluiu-se, então, que as reportagens de caráter humanizador veiculados em livros-reportagem são estruturadas com o objetivo de dar voz aos sujeitos, transformar atores sociais em personagens da história, resgatar a memória coletiva e trazer à tona o não dito, ou seja, mencionar novos detalhes da história a partir do relato de pessoas que antes passaram ao largo dos olhares da mídia predominante: a imprensa diária. A obra se opõe ao método do fazer jornalismo diário, que busca fontes oficiais, respeita a imparcialidade e objetividade, cumpre com a proposta do lide e possui uma abordagem superficial. Trata-se de uma grande reportagem que recebe um tratamento literário.

Perceberam-se alguns aspectos que humanizam o relato na obra *Todo dia a mesma noite*, que na análise foram pontuadas. A criação de cenários, no contexto da obra, serviu para colaborar para humanização do relato e auxiliar na contextualização dos fatos. Além disso, a criação de cenários causa nos leitores um efeito de real e não só de imaginário, levando-os de volta para o dia da tragédia. É uma forma que Arbex encontrou para aproximar o leitor de realidades distintas.

As fontes foram selecionadas por Arbex respeitando o critério de não utilizar fontes oficiais, como especialistas e autoridades - pessoas para as quais a mídia diária costuma recorrer. Percebeu-se que pessoas comuns - antes ignoradas pelos veículos diários, ganharam nome, sobrenome, voz e visibilidade. Algumas fontes ouvidas por Arbex foram colocadas em uma posição de protagonista, em que suas falas, ações, pensamentos e posicionamentos ganharam destaque. A narrativa - ao longo dos capítulos analisados - esteve voltada para o ser humano, em que as pessoas envolvidas na tragédia estão presentes em todos os processos do fazer. Apesar de a narrativa ser voltada para o aspecto humano, notou-se também que Arbex não se recusou a usar as estatísticas, o que não seria característico do jornalismo humanizado. Porém, a cada menção aos dados, a autora adiciona uma dose de dramatização, que acontece geralmente por meio das metáforas. Observou-se que é possível equilibrar informações objetivas e informações subjetivas, como os sentimentos, desejos e pensamentos dos personagens. A linguagem sensível para mencionar os fatos também faz parte do processo de humanização do relato.

A descrição de sentimentos humanos foi identificada na pesquisa como uma forma que a autora encontrou de dramatizar o relato e provocar experiências sensíveis nos leitores. Além

disso, por meio da descrição, os leitores conseguem visualizar uma projeção de si mesmo, se identificar com tal realidade.

O resgate da memória é uma das consequências do jornalismo humanizado. Por meio do relato, é possível reviver a tragédia novamente, porém através de uma nova perspectiva e com novos detalhes. A função social da investigação jornalística é manter viva a memória coletiva de uma comunidade e permitir que a tragédia marcada pela negligência, omissão e irresponsabilidade não caia no esquecimento. Também foi possível perceber que o jornalismo humanizado manifestado em livros-reportagem não perde qualidade apesar de não abordar eventos factuais. Ao contrário, superar as barreiras do tempo potencializa a narrativa por meio dos novos detalhes. O fato de Arbex ter conversado com as famílias, sobreviventes e profissionais da saúde tornou mais compreensível a dimensão dos acontecimentos. Esse formato de fazer jornalismo também é uma forma de fazer justiça e promover que pessoas comuns tenham voz diante dos fatos.

A narrativa de Daniela Arbex é uma conexão de todas as partes da história, em que a autora tece os fios dos acontecimentos que estão desconexos de modo a promover compreensão dos leitores. Percebeu-se também o livro como forma de promover a reflexão e a ressignificação dos leitores em torno do evento Kiss. Notou-se também que a autora menciona os personagens pelo seu apelido, como por exemplo “Andri” e “Flavinha”. Demonstra que Arbex se apropriou da forma como as fontes se referem às vítimas.

A pesquisa proporcionou à estudante a experiência de conseguir observar as narrativas jornalísticas com um olhar mais atento. Proporcionou conhecer mais sobre narrativa humanizada e identificar o que de fato deixa a leitura sensível. Foi possível compreender que o jornalismo tem relevância quando enfatiza os personagens e dá voz aos sujeitos, além de promover conhecimento e reflexão. No caso deste livro, mesmo que cinco anos após o incêndio, foi possível relatar o mesmo fato de uma forma significativa e impactante.

Apesar da tragédia ter ganhado espaço na mídia diária e a notícia ter repercutido no mundo no ano de 2013, apenas Arbex teve essa iniciativa do livro-reportagem. É uma história grande que ficou ainda maior nas mãos de uma profissional que soube trabalhar os dados, ouvir as fontes corretas e descrever com sensibilidade e empatia a dor alheia.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fabiana A; SEBRIAN, Raphael Nunes N. **Jornalismo Humanizado: o ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Guarapuava, 29 a 31 de maio de 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0540-1.pdf>

ALVES, Poliana Sales; COSTA, Marina Gama. **Comunicação, literatura e experiência: estudo de recepção dos livros-reportagem de Daniela Arbex**. Revista Cambiassu, São Luis/MA, v.14, n. 23 - Jan/Jun de 2019. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/11762/6605>. Acesso em 16 de março de 2020.

ARAÚJO, Bruno Bernardo de. **A narrativa jornalística e a construção do real**. 2011. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf?fbclid=IwAR2YtHG4MOiGrcI4iLjRKcD00pSCD1ekmS0Qxm8bzUfkowFWaEjwSo_hSo4> Acesso em: 16 de maio de 2020

ARBEX, Daniela. **Todo dia a mesma noite: a história não contada da Boate Kiss**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN; L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

BRAGUINI Kélliana; LÜERSEN Angélica. **A arte de contar histórias: Jornalismo humanizado na revista Piauí**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Palhoça - SC – 08 a 10/05/2014. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-0342-1.pdf>.

BRESOLIN, Maiara Chiarello. **Cobertura jornalística humanizada: os casos Boate Kiss e Chapecoense**. 2017. 61 f. Monografia (Bacharel em Jornalismo). Curso de Jornalismo. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2017. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/bitstream/riupf/1538/1/PF2017Maiara%20Chiarello%20Bresolin.pdf> . Acesso em: 30 de março de 2020.

CANTANHEDE, Y. S.; ZANFORLIN, S. C. **As definições do newsmaking:: um estudo bibliográfico sobre as perspectivas do conceito**. Anagrama, [S. l.], v. 14, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/164265>. Acesso em: 5 jul. 2020.

DOMINGUES, Juan de Moraes. **A ficção do novo jornalismo nos livros-reportagem de Caco Barcellos e Fernando Moraes**. 2012. 501 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4488/1/437810.pdf>>. Acesso em: 29 de março de 2020.

- FONSECA JÚNIOR. **Análise de conteúdo**. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação - 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- IJUIM, Jorge K. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**. Revista Comunicação Midiática - maio/ago 2012, Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em <<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/290/289>>. Acesso em 17 de março de 2020.
- LAGE, Leandro. **Jornalismo e o dever da memória**. 9º Encontro Nacional de História da Mídia – UFOP – Minas Gerais. 30 de maio à 1º de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiografia-da-midia/jornalismo-e-o-dever-de-memoria>> Acesso em: 24 de maio de 2020.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas – O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 3ª edição. São Paulo: Manole, 2004.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4º ed - Barueri - São Paulo: Manole, 2009.
- MARTINEZ, Mônica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, Ano VI - n. 1 pp. 71 - 83 jan./jun de 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418>>. Acesso em 17 de março de 2020.
- MEDINA, Cremilda. **Narrativas da contemporaneidade, caos e diálogo social**. In: MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (orgs.). **Caminhos do Saber Plural: dez anos de trajetória**. São Paulo: ECA/USP, 1999. p. 23-36.
- MICHEL; Jerusa de Oliveira, MICHEL; Margareth de Oliveira. **O Jornalismo como memória - um estudo a partir do gênero reportagem “A floresta das Parteiras**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro - RJ – 4 a 7/09/2015. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2059-1.pdf>> Acesso em: 23 de maio de 2021.
- MONTIPÓ, Criselli; FARAH, Ângela. **Relato humanizado no jornalismo: a importância da humanização na narrativa para um jornalismo transformador**. V Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, UNICENTRO, Guarapuava/PR – 8 a 10 de outubro de 2009. Disponível em: <<https://www.unicentro.br/redemc/2009/74%20relato%20montipo%20farah%20OK.pdf>>. Acesso em 17 de março 2020.
- MORAES JUNIOR, E.; ANTONIOLI, M. E. **Jornalismo e newsmaking no século XXI: novas formas de produção jornalística no cenário online**. Revista Alterjor, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 43-52, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/121436>>. Acesso em: 14 de abril de 2021.
- MOTTA, Luiz G. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>> Acesso em 22 de maio de 2020.

MOTTA, Luiz G. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. Revista eletrônica e-compós, edição n 1, 2004. Disponível em: <<https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/8/9>> Acesso em 21 de maio de 2020.

MOTTA, Luiz G., COSTA, Gustavo B.; LIMA, Jorge A. (2004). **Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística**, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 27, n. 2, jul/dez 2004. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1067/968>>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

NASCIMENTO, Patrícia. **A presença do jornalismo humanizado nas crônicas do livro “A vida que ninguém vê”**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN – 02 a 04/07/2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-0704-1.pdf>>. Acesso em 15 de março de 2020.

OLIVEIRA, Paola S. **Humanização do relato na construção da narrativa jornalística: uma análise de reportagens de Eliane Brum sobre a usina hidrelétrica de Belo Monte**. Trabalho Final de Graduação (Bacharel em Jornalismo), Universidade Franciscana, 2018 - Santa Maria/RS. Disponível em: <<https://lapecjor.files.wordpress.com/2019/03/humanizac3a7c3a3o-do-relato-na-construc3a7c3a3o-da-narrativa-jornalc3adstica-uma-anc3a1lise-de-reportagens-de-eliane-brum-sobre-a-usina-hidrelc3a9trica-de-belo-monte.pdf>>. Acesso em: 30 de março de 2020.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIZZATTI, Lucas Osório. **João do Rio : o escritor da vida real : a apuração jornalística e o texto de reportagem em "A alma encantadora das ruas"**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22691/000740163.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 21 de junho de 2020.

SANGALETTI; Letícia. BISOL; Laísa Veroneze. **Holocausto Brasileiro: o resgate da memória no jornalismo literário de Daniela Arbex**: 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/viewFile/38369/26865>> Acesso em: 1 de julho de 2021.

SILVA, João M.; MOURA, Gislei N. **Comparativo da postura de Daniela Arbex como repórter nos livros “Holocausto Brasileiro”, “Cova 312” e “Todo o Dia a Mesma Noite”**. XII Simpósio de Comunicação da Região Tocantina, UFMA Campus Centro Imperatriz/MA – 5 a 7 de dezembro de 2018. Disponível em: <<http://www.simcom.ufma.br/wp-content/uploads/2018/11/Comparativo-da-postura-de-Daniela-Arbex-como-rep%C3%B3rter-nos-livros-%E2%80%9CHolocausto-Brasileiro%E2%80%9D-%E2%80%9CCova-312%E2%80%9D-e-%E2%80%9CTodo-Dia-a-Mesma-Noite%E2%80%9D.pdf>>. Acesso em 17 de março de 2020.

SODRÉ; Muniz, FERRARI; MH. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. Summus Editorial - 1986. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=mcIWkbm98K4C&oi=fnd&pg=PA9&dq=+muniz+sodre++maria+helena&ots=2>>

[YD-4mPErC&sig=qGRExGecL SWrRjOke0dCnjLdhM#v=onepage&q&f=false](#)> Acesso em: 03 de junho de 2020.

TRAQUINA; Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo Jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional - Florianópolis Insular, 2005. Disponível em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5537285/mod_resource/content/1/teorias-do-jornalismo-vol-2-nelson-traquina.pdf> Acesso em: 23 de março de 2021.: